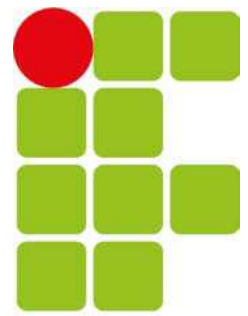


Revista da Pró-Reitoria de Extensão do IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013



INSTITUTO
FEDERAL
RIO GRANDE
DO SUL

Viver IFRS

Seminário Anual de Servidores

Palestras
Mesas-redondas
Estandes

Lançamentos de livros
Exposições
Apresentações culturais



Apresentação

Colegas, amigos e servidores,

Estou na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica desde 1997, concursada para a carreira de Magistério Superior, carreira esta que faz parte, principalmente, das Universidades brasileiras, mas que coexiste com a carreira de Educação Básica, Técnica e Tecnológica na maioria das nossas instituições de Educação Profissional e Tecnológica.

Desde aquela época até o ano de 2013, essa rede passou por inúmeras transformações. Saímos de concursos minguaados de três ou quatro vagas para concursos de centenas de vagas ao mesmo tempo. Deixamos para trás os tempos de ausência de recursos para pagar despesas de custeio e chegamos a um momento em que, planejadamente, o gestor pode inverter rubrica de custeio e utilizá-la para investimento. Ou seja, passamos das dificuldades de arrancar recursos do Governo Federal em Brasília para os bons problemas da execução rápida do orçamento. Os agendamentos necessários para que professores e técnicos administrativos pudessem usar os computadores existentes e datashow da instituição ficaram para trás. A angústia de ver os rostos ansiosos de dez, quinze ou vinte alunos disputando uma vaga no único curso superior público federal da Serra Gaúcha se transformou na realidade de mais de dez novos cursos de graduação espalhados nessa região. Passamos da lista tríplice para escolha de nossos gestores à eleição direta dos mesmos pela comunidade escolar. Aquelas escolas federais pequenas e sem expressão política no cenário nacional passaram a ser referência e vanguarda a partir da criação dos Institutos Federais, com a Lei 11.892/2008. Em resumo, abandonamos as fragilidades que nos deixavam à beira da privatização ou da estadualização para protagonistas de uma reforma sem volta na conjuntura educacional.

É preciso que se diga que essa transformação ocorreu ao longo dos dez últimos anos. Às vezes mais lentamente do que desejávamos e, muitas vezes, mais rapidamente do que podíamos executar. Mas ocorreu e é uma realidade para todos aqueles que sempre acreditaram que a Educação Profissional podia ser mais do que simplesmente uma educação para os 'desafortunados do destino'.

Diante disto, alguns poderiam perguntar: "bom, então não temos mais nada para fazer?" Eu diria, ao contrário, que temos muito a fazer. Temos que consolidar essa nova institucionalidade de forma que nenhum governante possa fazê-la retroceder. Temos que ampliar nossa ação, fazendo com que homens e mulheres, jovens e adultos, pobres e ricos, possam acessar uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Dados recentes demonstram que 88% das vagas para a Educação Superior no Brasil estão na iniciativa privada. E mais, que 42% das vagas da graduação brasileira estão comprometidas apenas com cursos de Administração e Direito, os quais são absolutamente relevantes para o desenvolvimento do país, mas que não garantem aquilo que precisamos para potencializar nossas riquezas de forma sustentável – educação, tecnologia, inovação, criatividade, inclusão produtiva, inserção direta no mundo do trabalho. A expansão das vagas públicas e gratuitas na Educação passa

por uma articulação gigantesca entre todos os entes federativos, os quais devem garantir os recursos necessários para que isso ocorra. Todavia, passa também por um comprometimento imenso de todos nós, hoje concursados na esfera pública federal. Devemos entender nossa função como a base fundadora de um país mais justo, mais inclusivo, menos excludente com aqueles que mais precisam.

Perceber as nossas limitações e superar os obstáculos de um desafio desse tamanho faz parte desse processo. Para isso, precisamos acreditar que a Educação Profissional pode ser revolucionária, trazendo para o centro do debate não apenas o fazer, mas o pensar e também o construir. Não podemos aceitar o discurso fácil do retrocesso, tampouco podemos acreditar em falácias de futuro. Precisamos ter responsabilidade, como servidores públicos federais, com a construção e o desenvolvimento de um mundo melhor que esse, com a formação de um cidadão crítico capaz de perceber os melhores caminhos para a sociedade em que vive.

Por isso, o Seminário Anual dos Servidores do IFRS tem trazido à tona temas como SER IFRS (2012) e, no ano de 2013, o VIVER IFRS, pois é preciso criar espaços de discussão; é necessário ouvir o contraditório, é imperativo que pensemos sobre o que somos e o que queremos ser! Isso ocorre pela participação de todos na construção dessa nova identidade que completa cinco anos em dezembro próximo. Somente assim teremos a solidez necessária para enfrentarmos o futuro.

Contudo, a reflexão sem a ação não é transformadora. Quando estamos na sala de aula, sabemos que aquilo que trabalhamos com nossos alunos somente se transformará em algo efetivamente produtivo quando eles puderem comunicar e produzir algo com o conhecimento adquirido. A criação da Revista VIVER IFRS é uma das nossas formas de ação, trazendo a integração entre IFRS e sociedade para dentro da nossa práxis. Que ela possa servir como uma forma de comunicar nossas práticas, provocar novas reflexões, criar novas metodologias, propor novas formas, rever nossos conceitos... Que ela possa servir para mostrar à sociedade a riqueza e a grandeza de uma Educação que se preocupa com a inclusão... Que ela nos instrumentalize e nos propicie a boa prática da comunicação...

Parabéns a Pró-Reitoria de Extensão!

Parabéns ao IFRS!

Parabéns a todos servidores... Que a experiência do VIVER IFRS se transforme numa longa e proveitosa caminhada....

Claudia Schiedeck Soares de Souza

Reitora do IFRS



Sumário

EDITORIAL 6

REVISTA

Publicação mostrará ações e produções do IFRS 7

ABERTURA

9 Seminário reúne cerca de 700 servidores do IFRS

PALESTRAS

IFRS: Identidade, Protagonismo e Transformação Social 10

Competências Essenciais na
Administração Pública Federal 11

MESAS-REDONDAS

12 O Trabalho como Vivência e a Instituição que Queremos

16 Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização
do IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios

26 Possibilidades e Desafios de uma Instituição
Multicâmpus: Como Construir a Unidade?

30 As Políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS:
Experiências, Possibilidades e Desafios

ESPAÇO VIVENDO IFRS

Servidores vivem o IFRS durante o 2º SAS 36

Apresentações culturais e exposições 40

Livros lançados durante o 2º SAS **41**

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013

AVALIAÇÃO

42 Participantes avaliam o 2º SAS

I SAS

“Ser IFRS” foi o tema da primeira edição do SAS **43**

AGENDA

Calendário de Eventos do IFRS para 2013 **44**

PRÓXIMOS NÚMEROS

Como colaborar para a revista Viver IFRS **46**



Editorial

É com especial satisfação que apresentamos o número um da Revista de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, denominada “VIVER IFRS”.

A Extensão, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), articulada com o ensino e a pesquisa, é compreendida como a promotora de ações que visam interligar a Instituição com as demandas da sociedade.

As ações de extensão, no contexto de sua práxis, têm como objetivos formar profissionais aptos a exercerem a sua cidadania e a humanizarem o mundo do trabalho, bem como apoiar o desenvolvimento social e econômico do país.

No contexto da Extensão, que implica no ato de “extender” a quem necessita e expandir para fora dos limites institucionais, a divulgação assume primordial importância. O simples ato de socializar os saberes, as ações e seus resultados, sem sombra de dúvidas, altera o estado de espírito do leitor que, ao se apropriar de ideias e situações, passa a modificar uma realidade, colaborando, assim, para o desenvolvimento local e regional em que vive.

Nesse sentido, a Revista VIVER IFRS tem como principal propósito a divulgação das ações de Extensão desenvolvidas no âmbito do IFRS e nas comunidades de sua abrangência. A composição da revista, portanto, estará pautada no espírito colaborativo, pois, em sua maioria, os autores dos textos representarão os servidores que foram os responsáveis por implantar, desenvolver e acompanhar as ações junto à sociedade.

O primeiro número da Revista VIVER IFRS traz uma edição especial, pois registra informações de um dos eventos de maior importância para a Instituição: o 2º Seminário Anual dos Servidores, onde imperou o senso da construção coletiva e a corresponsabilidade para a consolidação Institucional, pois contou com a participação aproximada de 70% (setenta por cento) do seu quadro de servidores.

As diversas ações realizadas, entretanto, são os maiores motivadores desta iniciativa que visam acima de tudo, valorizar os brilhantes trabalhos que hoje são desenvolvidos entre a Instituição e a sociedade.

Desta forma, a disseminação de conhecimentos é de suma importância para a formação da cultura extensionista, a qual proporciona, ao longo do tempo, a consolidação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul enquanto agente de transformação social, bem como a valorização de seus profissionais e a prática da cidadania, registrando, de maneira concreta e singular, a sua missão para com a sociedade na sua região de abrangência.

Viviane Silva Ramos

Pró-Reitora de Extensão do IFRS



Publicação mostrará ações e produções do IFRS

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013

Tânia Aiub¹

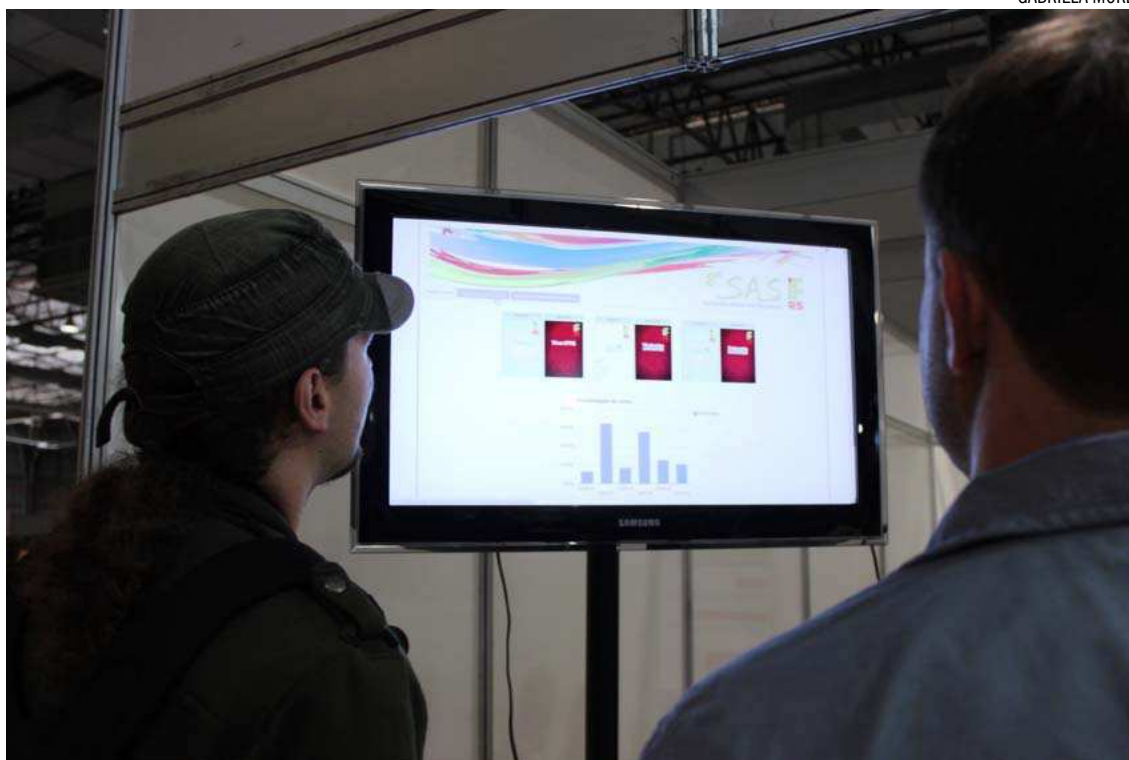
A proposta de construção de um periódico para a divulgação das ações de extensão do IFRS principia de um certo modo de entender a instituição em que se trabalha: a partir do conceito de unidade. Muito se tem discutido, ao longo dos últimos 5 anos, sobre o necessário entendimento de uma instituição multicampus que, além de preservar as particularidades de cada unidade, precisa construir uma identidade comum. Os princípios e ações extensionistas, jamais desvinculados das práticas de ensino e pesquisa, devem primar pela relação transformadora entre instituição de ensino e sociedade e propor estratégias de crescimento comuns a todas as partes, de forma que todos que fazem parte dessa instituição apropriem-se do sentimento de pertenci-

mento e comprometimento. Sentimentos necessários, indiscutíveis quando se está falando em educação. O ato de educar nessa instituição deve ser aquele que deflagre um modo de trabalho ao mesmo tempo peculiar, em consonância com as particularidades de cada realidade local e um modo de trabalho ancorado nos princípios gerais que nortearam a construção desse instituto e que norteiam as ações que nos fazem crescer: trata-se do trabalho sempre atento ao educando e ao seu crescimento.

Por isso, essa proposta que agora se consolida no primeiro volume de um periódico que se lança para ser “o rosto” do IFRS, é fruto dessa vontade de pertencimento, dessa imensa vontade de estar numa instituição acolhedora do todo e entendedora de cada particularidade de suas partes. Muito difícil, de uma perspectiva simplista, construir uma identidade de todo sem desconsiderar muitos

¹ Professora de Língua Portuguesa e Coordenadora-geral do Pronatec no IFRS

GABRIELA MOREL



No estande da Reitoria no 2º SAS, servidores puderam escolher o nome e a capa da revista

REVISTA

aspectos das partes. Mas, de forma complexa, com um trabalho sempre voltado a pensar a instituição é possível sair de uma perspectiva simples e ver essa instituição como um grande rizoma, em que o todo e as partes se consolidam pela ideia de conjunto, de articulação sempre lubrificada pela constante troca de experiências e de interlocução.

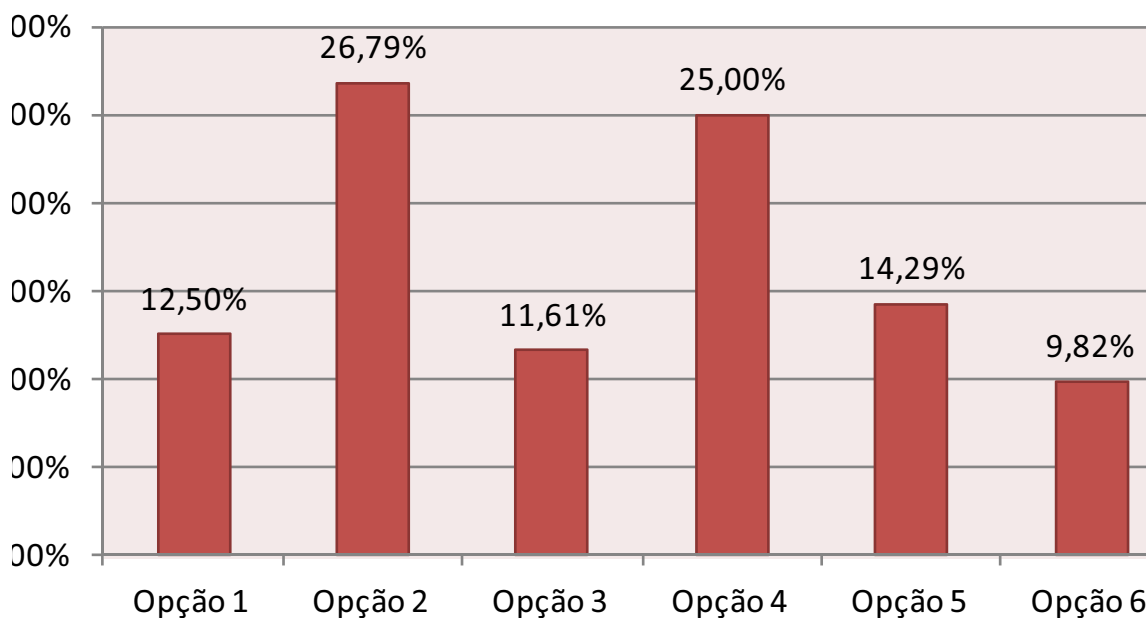
A revista Viver IFRS deriva desse esforço de produção de conhecimento que parte das ações dos câmpus e do esforço de integração e promoção da cultura extensionista que caracteriza o IFRS. Um trabalho iniciado em 2012, a partir de uma ideia que, acolhida pela gestão da instituição, materializa-se neste momento.

Além das ações promovidas em âmbi-

to institucional, procurar-se-á a colaboração de agentes externos, relacionados à prática extensionista a fim de buscar vias de reflexão. Assim, o periódico contará com seções destinadas à publicação de textos originais de convidados que proporão um momento de interlocução e debate sobre a prática extensionista em âmbito nacional.

Procurando um trabalho que envolva a comunidade do IFRS, as propostas de nome e capa da revista foram objeto de votação durante o 2º SAS, de forma que todos os servidores presentes puderam apoiar e conhecer o projeto. Com 26,79% de votos, o nome “Viver IFRS” foi o escolhido e passará a denominar a revista.

Votação para o nome da revista





Reitora do IFRS, Cláudia Schiedeck de Souza, ressaltou caráter participativo do evento

Seminário reúne cerca de 700 servidores do IFRS

Gabriela Morel¹
Joana Paloschi²

Cerca de 700 servidores do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) participaram da abertura do 2º Seminário Anual do Servidores (SAS), que teve como tema “Viver IFRS”. O evento, que aconteceu no Pavilhão da Fundaparque, em Bento Gonçalves, de 17 a 19 de abril, é uma ação de capacitação onde são debatidos temas importantes para o desenvolvimento profissional dos servidores e do instituto.

A mesa de abertura foi composta pela reitora do IFRS, Cláudia Schiedeck Soares de Souza; pelo pró-reitor de Administração, Giovani Silveira Petiz; pelo pró-reitor de Desenvolvimento Institucional, Osvaldo Casares Pinto; pelo pró-reitor de Ensino, Amilton de Moura Figueiredo; pela pró-reitora de Extensão, Viviane Sil-

va Ramos; pelo pró-reitor de Pesquisa e Inovação, Júlio Xandro Heck; e pela diretora-geral do Câmpus Caxias dos Sul, Tatiana Weber.

Representando todos os diretores dos câmpus, Tatiana Weber destacou, em sua fala, que o evento é uma oportunidade de integração que permite partilhar experiências e discutir assuntos de interesse do IFRS e, por consequência, de todos os servidores.

Viviane Ramos, em nome da Comissão Organizadora do evento, ressaltou o trabalho da equipe no planejamento, organização e execução do SAS, que começou em setembro de 2012 e envolveu diversos setores da Reitoria e contou com a colaboração de voluntários dos câmpus.

A reitora destacou que o SAS é um espaço democrático para a construção da identidade institucional, transformação de práticas em exemplos e de fortalecimento através dos erros e acertos.

ABERTURA

¹ Jornalista do Câmpus Osório

² Jornalista do Câmpus Feliz

IFRS: Identidade, Protagonismo e Transformação Social

Alessandra Nevado¹
Cristine Thomas²

Na manhã de 18 de abril, a professora e diretora de Ensino do Câmpus Porto Alegre, Márcia Amaral Correa de Moraes, proferiu a palestra “IFRS: Identidade, Protagonismo e Transformação Social”. Márcia falou sobre os principais desafios dos Institutos Federais para construção de sua identidade e protagonismo e como agentes de transformação social. Segundo a professora, os IFs, criados em 2008, surgiram como uma alternativa devido ao inconformismo da sociedade com a situação da educação profissional.

– Como um projeto na contramão da atual conjuntura global, os IFs foram a grande materialização da esperança no cenário educacional – colocou.

Com relação ao desafio da identidade institucional, Márcia frisou que, apesar dos Institutos Federais serem constituídos por diversas unidades, a instituição não pode abrir mão se ser “una”.

– Temos que construir o sentimento de que somos um Instituto Federal.

Durante a exposição, a professora se referiu à identidade como o DNA da instituição e falou sobre o papel dos servidores dentro do instituto.

– Todos somos educadores e educandos, e existimos porque estamos à serviço da sociedade. Professores e técnicos-administrativos são todos trabalhadores em Educação. Suas atuações na escola devem ser integradas pedagogicamente, tendo o reconhecimento da instituição enquanto ação educativa.

Ao abordar o desafio do protagonis-

mo, Márcia levantou a questão: O que a sociedade espera de nós?, salientando que o servidores necessitam se apropriar do propósito dos Institutos Federais e de “onde estamos”; compreender-se como agente de construção desse projeto, lidar com conflitos sob o enfoque positivo, de transformação; implementação do princípio de impessoalidade nas dimensões interna e externa.

Quanto ao desafio da transformação social, a educadora explicou que os IFs vieram para realizar ações importantes para a sociedade, como a superação da separação entre ciência e tecnologia, teoria e prática; a pesquisa consolidada como princípio educativo e científico, e ações de extensão como forma efetiva de diálogo permanente com a sociedade.

– Dar-se conta do que precisa ser melhorado e ter força e coragem para agir em prol dessa melhora. Esse é o nosso desafio – finalizou.

ANDRÉIA PRUINELLI



Márcia: desafio de construir identidade

1 Jornalista do Câmpus Caxias do Sul
2 Jornalista do Câmpus Porto Alegre

Competências Essenciais na Administração Pública Federal

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013

JOANA PALOSCHI



Maria Julia Pantoja apresentou modelos de administração voltados à gestão por competências

Thaís Teixeira da Silva¹

“Competências Essenciais na Administração Pública Federal” foi o tema da palestra da psicóloga Maria Julia Pantoja Britto, professora da Universidade de Brasília, que ocorreu durante o II Seminário Anual de Servidores (SAS) do IFRS no segundo dia do evento.

Abordando a agenda que está sendo proposta na dimensão de Gestão de Pessoas pelo Ministério do Planejamento (MPOG), Maria Julia iniciou sua fala que o serviço público se justifica quando a sociedade entende que tem suas demandas atendidas.

Ela apresentou uma nova proposta, baseada em modelos europeus de gestão pública de pessoas, voltada para a gestão por competências, considerando como competências essenciais da administração pública: orientação para

os resultados; trabalho em grupo; visão sistêmica (complexidade); comunicação e liderança.

Foram considerados os conceitos de cultura organizacional, mente coletiva e representação social da organização, ressignificando o humano no trabalho como propulsor do crescimento profissional e institucional.

Maria Julia é doutora em Psicologia Organizacional na área de aprendizagem humana no trabalho. É professora adjunta da Universidade de Brasília (UnB) nos cursos de graduação e pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão do Agronegócio. Possui experiência profissional na área de Gestão de Pessoas, mais especificamente, em Treinamento, Desenvolvimento e Educação (TD&E). Coordena projetos de pesquisa nos temas: aprendizagem no trabalho, comportamento humano nas organizações, redes sociais em contextos organizacionais, inovação e competitividade.

1 Produtora cultural do Câmpus Restinga

PALESTRAS



Mesa buscou refletir sobre a transformação do ambiente de trabalho para uma melhor vivência

O Trabalho como Vivência e a Instituição que Queremos

O presente texto relata parte das discussões acerca do tema “O Trabalho como vivência e a Instituição que Queremos”, tratado durante a Mesa-Redonda no II Seminário Anual de Servidores (SAS) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. A mesa foi coordenada pelo professor Amilton de Moura Figueiredo, o Pró-Reitor de Ensino do IFRS, e composta pelos debatedores Rudinei Muller, professor do Câmpus Bento Gonçalves, Fábio Marçal professor do Câmpus Restinga, Adriana Ramos, Técnica Administrativa do Câmpus Porto Alegre e Marcelo Schmitt o professor do Câmpus Porto Alegre. participaram da mesa também como relatores Clúvio B. Soares Terceiro, Professor do Câmpus Porto Alegre e Simão Mendes de Moraes, professor do Câmpus Caxias do Sul.

Na abertura dos trabalhos, o coordenador da mesa salientou que a escolha

do tema tem por objetivo provocar a reflexão no sentido de melhorar a vivência através da transformação do ambiente de trabalho, bem como em relação ao respeito às diferenças e o reconhecimento de que os seres humanos são seres incompletos e em constante construção. Ressaltou ainda que este projeto inacabado envolve o ser e o viver, pressupostos fundamentais para a construção do IFRS. A seguir, os debatedores realizaram apresentações individuais sobre a temática focando aspectos diversos a partir de diferentes perspectivas. Após, abriu-se espaço para um debate amplo com perguntas e participação do público presente no auditório.

O professor Rudinei Muller, abrindo a rodada de explanações dos debatedores, discorreu sobre a concepção de Trabalho e o papel do Trabalho na vida, organizando sua fala nos seguintes eixos:

- Evolução histórica do conceito de trabalho;
- O trabalho na sociedade capitalista;
- Lugar e resultados do trabalho;
- Sentido do trabalho;
- Concepção de vida em segundo plano.

Ao abordar o conceito de Trabalho, iniciou enfatizando o sentido negativo atribuído ao trabalho, vinculado a etimologia do termo que deriva do substantivo latino tripalium, um instrumento de tortura usado na Roma antiga em que os escravos eram amarrados para o suplício, refletindo que o trabalho não é apenas um meio de dignificar o homem, mas também de oprimi-lo. Através desse recorte, traçou um percurso das relações de produção e de trabalho, desde a Grécia, período em que os que não trabalhavam preocupavam-se com a política e com a religião. Seguiu sua explanação passando pela Idade Média até a Revolução Francesa e a consolidação dos princípios que efetivam o trabalho no processo de produção capitalista, vinculado à produção de lucro, mediante a construção de espaços e a exploração do trabalho. Ao citar Marx, lembrou que, o trabalho alienado conduz à fuga do trabalho, contribuindo com a reprodução do capital, fazendo com que o homem não se realize, ratificando a lógica do capitalismo que é de dominação e exploração.

Considerando o histórico exposto, o professor Rudinei Muller explanou que pensar o trabalho como vivência exige enfrentar as contradições a ele inerente. Em relação à realidade institucional, o professor Rudinei ressaltou que é preciso pensar como construir um ambiente como um lugar de realização, com participação coletiva, fruto de um processo de educação. Enfocou também a necessidade de enfrentar as condições reais que intimidam a participação coletiva.

Por fim, falou que para discutir o conceito de trabalho é necessário também

discutir o conceito de sociedade capitalista, a divisão de classes e a exclusão. Assim, os servidores públicos têm a possibilidade de construção coletiva nos espaços de contradição da sociedade capitalista.

Já o professor Fábio Marçal tratou sobre as relações entre o Trabalho e a Educação sob a perspectiva da “natureza do Trabalho em Educação e o conceito de Escola, abordando as peculiaridades do trabalho que ocorrem no interior da escola, em relação a fluxos, processos, trâmites e embates do processo educativo escolar. Com o áudio da música de Chico Buarque “Vai trabalhar vagabundo”, provocou os participantes a refletirem questionando sobre o quanto do que nela é expresso, está presente no cotidiano do IFRS. A seguir, salientou a relação entre a música e o processo capitalista da segunda metade do século XX no Brasil, questionando “onde fica o trabalho como constituidor do ser humano?”.

O professor Fábio frisou a questão de que o trabalho é humanizador, cria identidade, sendo que trabalhando, educa-se e educando-se, trabalha-se. No mesmo sentido, ressaltou que não nascemos humanos, nos humanizamos pelo e no trabalho. Lembrou que Paulo Freire tem muito a ensinar sobre isso, pois concebe o papel formativo do trabalho como uma prática constituinte do ser humano.

A seguir, abordou a perspectiva de que, no capitalismo o trabalho remete a prêmio, o que distorce o seu significado, pois está no centro das disputas de classes. Partindo desse conceito, fez os seguintes questionamentos: “Que classes sociais estudam no IFRS?” “Como tornar o IFRS mais atrativo para classes com maior poder aquisitivo?”

Partindo dessa provocação, relatou que o trabalho vira mercadoria no Capitalismo pelo processo de venda da força de trabalho. As relações de trabalho tornam-se neutralizadas na medida em que o trabalho como mercadoria torna-se a

MESAS-REDONDAS

forma hegemônica de trabalho e nega as outras formas de trabalho existentes ao longo da história. O mundo “lá fora é mercado de trabalho”, não há como negar, mas podemos no processo educativo nos tornarmos críticos deste trabalho desumano e opressor que torna o trabalho mercadoria.

O modelo de escola atual surge em conjunto com a fábrica, tendo a finalidade de adaptar o trabalhador a esse novo tipo de trabalho. Assim, pensar Escola e Educação dissociada do Trabalho é superficial e ingênuo. É preciso formar alunos críticos que transformem o mercado de trabalho. O grande desafio da escola é construir valores capazes de atender aos interesses do conjunto da humanidade. Há uma desintegração da escola *stricto sensu* e a escola da vida, pois separa conteúdos, disciplinas, formação geral e específica. O Proeja surge como possibilidade de uma nova articulação para repensar a educação e o trabalho.

Para finalizar, ressaltou que se faz necessário construir valores capazes de atender aos interesses do conjunto (coletivo) da humanidade e conceber o trabalho politicamente engajado, reconhecendo o sujeito em uma sociedade de classes, suas contradições e disputas.

Na sequência, Adriana Ramos, iniciou sua exposição ressaltando que os professores que a antecederam trouxeram pensamentos aproximados sobre o trabalho, provocando, após uma reflexão, sobre os novos servidores e os motivos que nos levaram a escolher o serviço público, levantando algumas hipóteses, tais como: salário, estabilidade, segurança, garantia de emprego, exigências da iniciativa privada, entre outras.

A debatedora ressaltou que na iniciativa privada, ao trabalhar, enriquecemos a empresa e seu patrão, e no serviço público, quem lucra? Partindo disso, mencionou que o trabalho deveria ser pautado pela prestação de serviço à sociedade e questionou até que ponto o público não

se coloca a serviço do privado.

Nesse cenário, abordou o modelo americano de serviço público, estruturado em dois polos Estado/máquina - servidores/peças. O servidor é visto assim como um mero executor de tarefas, definidas pela cúpula, sem investimento sério em capacitação. Nossas instituições de ensino não investem e nem convidam os servidores a refletir sobre seu trabalho e a buscar capacitação. Partindo desse contexto, fez os seguintes questionamentos: “O que significa ser servidor público no IFRS?” “A Instituição IFRS sabe quem somos nós?” “Será que nos apropriamos do nosso trabalho?”

Após, reiterou que somos conduzidos a reproduzir a lógica existente sem questioná-la e sem transformá-la. É necessário retornar aos princípios do IFRS, mobilizando esforços para buscar justiça, equidade, cidadania e ética nos processos de trabalho de ensino, pesquisa e extensão.

Concluindo, salientou que a gestão necessita reconhecer a coletividade do trabalho, pois ninguém trabalha sozinho, embora ocorra continuamente a ideia do individualismo. Como proposições, sugeriu o dimensionamento de pessoal, estabelecimento de critérios mais coerentes para a alocação de vagas nos câmpus e a real implantação da gestão democrática, caso contrário o trabalhador não terá comprometimento com a instituição da qual ele não participou da construção.

Como última explanação, o professor Marcelo Schmitt propôs-se a apresentar aspectos diferentes dos já referidos anteriormente pelos outros palestrantes, marcadamente marxistas. Iniciou reconhecendo o arcabouço teórico sobre o Trabalho e sobre a forma como trabalhamos, conflitos e divergências, bem como a necessidade de respeitar os colegas.

Posteriormente, iniciou uma discussão sobre “qual o profissional que se quer formar no IFRS para trabalhar no século XXI?” Refletindo sobre as mudan-

ças que isso implica em nosso trabalho, ressaltou que pensar a Instituição que queremos não é uma questão trivial. Questionou acerca dos que querem apenas o emprego.

Sendo o IFRS, um Instituto de Educação, de Ciência e de Tecnologia e sendo, uma Instituição nova, é preciso saber para quem foi feito e como está organizada hoje. O professor Marcelo defendeu a ideia de que uma instituição deve estar a serviço do país e não do governo. Nessa perspectiva, a Escola deve estar a serviço da sociedade, devendo estar em constante debate com o governo.

Em seguida, mencionou que o Instituto Federal é republicano, ressaltando que precisamos parar de agir como súditos, ou seja, esperar que o “rei” resolva, embora criticando a sua forma de agir. É preciso tomar cuidado para não confundirmos a Instituição que queremos com o trabalho que nós desejamos, pois nem toda tarefa é prazerosa. É utopia idealizarmos um ambiente de trabalho perfeito, mas é possível equalizarmos as diferenças e aspirações pessoais.

Também salientou que o que nos faz gostar do nosso trabalho é trabalhar bem, mudando o que pode ser mudado, mas realizando com eficiência as tarefas que são delegadas. Usando exemplos da dinâmica do trabalho nas multinacionais, afirmou que estamos na contramão da história, não tendo as principais competências do século XXI, que são colaboração e trabalho em equipe.

Outros pontos destacados, na finalização da participação do professor Marcelo, foram a relação entre a liberdade e o cumprimento dos objetivos, questões sobre dificuldades cotidianas do trabalho, aceitação da diferença do outro, necessidade de uma nova ética e colaboração entre a gestão e os servidores.

A seguir, foi aberto um espaço para discussões e questionamentos aos debatedores, sendo relevante ressaltar alguns

pontos recorrentes, como:

- Colaboração e trabalho em equipe;
- Prazer em trabalhar;
- Gestão Democrática;
- Papel do Estado na Educação do século XXI;
- Políticas de Gestão em relação aos servidores;
- Pluralidade de ideias no IFRS;
- Projeto de construção de um mundo melhor em nível de Nação.

Ao final, a coordenação da mesa e a relatoria propuseram alguns encaminhamentos, reiterando que é preciso que todos participem da construção de uma Instituição que contemple a coexistência de diferentes concepções e um diálogo permanente e democrático. Isto exige que a Gestão e os Trabalhadores do IFRS reflitam sobre o projeto de Escola (IFRS) e seu papel engajado na transformação da sociedade, considerando as relações entre Trabalho e Educação e o Trabalhador como um sujeito histórico e social, como o próprio Projeto Pedagógico Institucional do IFRS já preconiza.

Neste sentido, aponta-se a necessidade de se repensar algumas questões centrais acerca do “Trabalho como Vivência e a Instituição que Queremos” tais como: a necessidade de um dimensionamento do quadro de pessoal a partir das reais demandas do Trabalho; a estruturação de um processo de acolhida aos servidores; a redefinição do papel da Gestão de Pessoas; a participação coletiva na formulação e na implementação das Políticas de Gestão de Pessoas; a reflexão sobre as relações entre o processo educativo e o trabalho na Escola; a forma como se pretende implantar a Gestão por Competências e a avaliação do trabalho dos servidores do/no IFRS; e, as questões vinculadas a integração social, a acessibilidade e as leis de cotas tanto para alunos como para os trabalhadores do IFRS.

Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização do IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios

Clarice Monteiro Escott¹

Glenda Heller Caceres²

Evandro Manara Miletto³

Flávia Santos Twardowski Pinto⁴

Giovani Giotto⁵

Maria Cristina Caminha de Castilhos França⁶

Júlio Xandro Heck⁷

INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresentamos as discussões acerca do tema Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios, discutido em mesa-redonda ocorrida durante o 2º Seminário Anual de Servidores (SAS) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul⁸. A mesa foi coordenada pelo professor e Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação, Dr. Júlio Xandro Heck (Reitoria) e contou com a participação dos professores Dra. Flávia

Santos Twardowski Pinto (Câmpus Osório), Dra. M^a Cristina Caminha de Castilhos França (Câmpus Porto Alegre) e Dr. Evandro Manara Miletto (Câmpus Porto Alegre). Também compuseram a mesa as relatoras Professora Dra. Clarice Monteiro Escott e Professora Ms. Glenda Heller Cáceres. Além destes, participaram também os professores Cláudio Leite (Câmpus Canoas) e Marcus André Kurtz Almança (Câmpus Bento Gonçalves), como assistentes da mesa⁹.

A escolha do tema deu-se por meio de ampla participação dos servidores que destacaram a necessidade de discutir as políticas institucionais de fomento à pesquisa, a participação dos servidores e alunos em projetos de pesquisa, a operacionalização de bolsas, a infraestrutura de pesquisa no IFRS, dentre outros. No que se refere à pós-graduação impera a necessidade de discutir as possibilidades do IFRS para propor cursos de pós-graduação (especializações *lato senso*, mestrados profissionais e acadêmicos, doutorados) uma vez que conta com boa quantidade de doutores na instituição, que busca o reconhecimento externo e novas possibilidades de colaborar ainda mais para a formação de uma sociedade melhor. Destaca-se a necessidade de discutir as possibilidades de implementar os níveis de ensino previstos em lei e nos quais o IFRS ainda não atua. Por fim, foi apontada a necessidade de abor-

1 Doutora em Educação, Professora e Pró-Reitora Adjunta de Pesquisa e Inovação do IFRS.

2 Mestre em Letras, Professora do IFRS – Câmpus Bento Gonçalves.

3 Doutor em Ciências da Computação, Professor do IFRS - Câmpus Porto Alegre.

4 Doutora em Engenharia de Produção, Professora e Diretora de Pesquisa e Inovação do IFRS – Câmpus Osório.

5 Acadêmico do Curso Superior de Enologia, Câmpus Bento Gonçalves.

6 Doutora em Antropologia Social, Professora e Diretora de Pesquisa do IFRS – Câmpus Porto Alegre.

7 Doutor em Biologia Celular e Molecular, Professor e Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação do IFRS.

8 A mesa “Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização do IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios” ocorreu no dia 18 de abril de 2013, no Fundaparque, em Bento Gonçalves.

9 A mesa ainda contou com o apoio dos professores Claudio Leite (Câmpus Canoas) e Marcus André Kurtz Almança (Câmpus Bento Gonçalves) como assistentes de mesa.



Participantes apontaram desafios e possibilidades para a consolidação da pesquisa no IFRS

dar a internacionalização, a importância dos intercâmbios de servidores e alunos, bem como a necessidade de convênios com instituições estrangeiras.

Para tanto, o objetivo da mesa consistiu em permitir que pessoas envolvidas diretamente com os temas em questão pudessem tecer as suas considerações apresentando as suas experiências, apontando os problemas e as dificuldades na operacionalização das ações, problematizando as questões envolvidas, bem como apresentando os desafios que se avizinham e as possibilidades existentes no IFRS para consolidação da pesquisa, da pós-graduação e da internacionalização.

Para melhor organização das questões abordadas pelos componentes da mesa, o artigo está organizado conforme sequência das temáticas em foco. Por fim, apresentamos os tópicos principais decorrentes das discussões suscitadas pelo conteúdo trazido pelos participantes da mesa e apontados pelos docentes e técnico-administrativos que participaram do evento e prestigiaram a mesa.

A PESQUISA NO IFRS

O tema “Pesquisa no IFRS” foi abordado pela Professora Dra. Flávia Santos Twardowski Pinto que organizou sua fala em três eixos, quais sejam:

- Pesquisa no IFRS - visão dos gestores de P&I: Obstáculos x conquistas
- Pesquisa no IFRS - visão do pesquisador: Obstáculos x conquistas
- Ações da PROPI

Ao abordar a Pesquisa no IFRS na visão dos gestores de P&I, a palestrante analisa resoluções e instrução normativas da pesquisa e inovação do IFRS, destacando, em especial, a Resolução CONSUP nº 094 / 2010 - Regimento do Comitê de Pesquisa e Inovação; a Resolução CONSUP nº 095 / 2010 - do Programa Geral de Incentivo à Pesquisa e Inovação; e, a Resolução CONSUP nº 096 / 2010 - Regimento do Programa de Bolsas e Auxílio Institucional (Retificada pela Resolução nº 016/2011). Dentre os obstáculos indicados pela professora, destacou, em especial, o engessamento dos fluxos e processos de pesquisa impostos, em especial pela Resolução CONSUP, nº 96/10 no que se refere:

- a exigência de dedicação de 16 (dezesseis) horas semanais do bolsista para o desenvolvimento dos projetos a que



Flávia destacou a importância de participação dos servidores em pesquisa e editais externos

está vinculado, o que prejudica a participação de alunos do curso técnico na modalidade integrada, em especial dos cursos que são ofertados em turno integral. Além disso, há uma incoerência frente ao que definem as diretrizes de editais externos (como o PIBIC-EM CNPq, por exemplo, que exige dedicação do aluno a partir de 8 horas).

- a definição da concessão de somente 1 (um) Auxílio Institucional à Produção Científica e/ou Tecnológica (AIPCT) por projeto, por período de 12 (doze) meses, não sendo permitida a renovação;

- a definição de que cada servidor (orientador) poderá ter apenas um projeto contemplado pelo AIPCT e somente um aluno bolsista, em cada modalidade Bolsa de Iniciação Científica e/ou Tecnológica no Ensino Superior (BICTES) e/ou Bolsa de Iniciação Científica e/ou Tecnológica no Ensino Técnico (BICET), vinculado ao projeto selecionado, sendo que o projeto contemplado não poderá receber recursos externos na modalidade requerida (Bolsa de Iniciação Científica e/ou Tecnológica e AIPCT).

No que se refere às Instruções Normativas (IN) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI), destacou a IN nº

015, de 07 de Dezembro de 2012 que Regulamenta a utilização e prestação de contas dos recursos do Auxílio Institucional à Produção Científica e/ou Tecnológica (AIPCT), que, no Artigo 2º, § 2º, define que:

“despesas relacionadas com hospedagem e alimentação, passagens e despesas com deslocamento, **apenas para o desenvolvimento das atividades do projeto de pesquisa**¹⁰, poderão ser executadas sem orçamento prévio, entretanto deverá ser optado pelo menor valor possível.”

Tal definição acaba por impedir que docentes e estudantes possam utilizar o fomento para deslocamento e despesas para apresentação dos resultados da pesquisa em eventos científicos. Para ilustrar a colocação, relatou a experiência de alunos que ganharam premiações na 2ª maior mostra técnica do Brasil (27º Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia - MOSTRATEC) e que, como premiação, foram contemplados com a possibilidade de apresentar o trabalho em importante evento científico no Chi-

10 Destaque da palestrante.

le, sem a possibilidade de utilização dos recursos disponíveis em função da referida IN.

No entanto, ressalta que a PROPI nomeou um Grupo de Trabalho integrado por membros do Comitê de Pesquisa e Inovação (COPI) que estuda proposta de reformulação das Resoluções (a serem encaminhadas para aprovação do CON-SUPI) e das Instruções Normativas relativas aos processos e fluxos da pesquisa e da Inovação.

Relatou o desconhecimento por partes de alguns pesquisadores relacionados aos editais de cota individuais da FA-PERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). Os projetos submetidos pelos pesquisadores devem ser assinados pelo representante legal do IFRS o que, em função da característica multicampi da Instituição, traz dificuldades, uma vez que não pode ser assinado pelo Diretor-Geral de Câmpus, mas apenas pela Reitora, pelo Pró-reitor e pela Pró-reitora Adjunta de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação, condição essa definida em função das regras da referida agência de fomento.

Considerando o histórico e as características inerentes à organização acadêmica dos Institutos Federais, a palestrante destaca:

- Forte identidade para atendimento de atividades do ensino (aulas práticas) em detrimento das atividades de pesquisa;
- Infraestrutura precária para a realização de pesquisa, principalmente nos Câmpus novos;
- Dificuldade de ter bolsistas dos cursos superiores, principalmente em cidades da serra gaúcha onde as oportunidades de trabalho são mais atraentes por remunerarem melhor;
- Falta de interesse de participação de alguns docentes em atividades de pesquisa devida a alta carga horária de ensino e/ou atividades administrativas;
- Diminuição da pesquisa no IFRS

devido a muitos servidores estarem realizando seus doutorados e mestrados.

Além disso, destacou as dificuldades com o sistema de cadastro de processos de pesquisa SIGProj/Sipes que não atende as necessidades dos Câmpus e dos pesquisadores, não dá autonomia aos Diretores/Coordenadores de Pesquisa, não tem interface com outros sistemas como, por exemplo, o Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq e não oferece ferramentas que contribuam para a tomada de decisão de gestão. Salientou que é interessante que exista um sistema, mas que o mesmo atende as necessidades existentes.

Dentre os obstáculos apontados, ainda foi referida a dificuldade dos pesquisadores distinguirem as modalidades de pesquisa e bolsas de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica, definições e práticas que necessitam, ainda, ser aprofundadas no IFRS entre os atores envolvidos.

O terceiro tópico contemplou as conquistas, entre elas aquelas alcançadas por intermédio do programa Ciência sem Fronteiras (CsF). O IFRS conta atualmente com 5 (cinco) alunos participantes na graduação *sanduíche* e cerca de 70 inscritos nesse programa para as seleções em andamento. Salientou a importância das parcerias interinstitucionais e empresariais (como as que se dão com a UFRGS, Embrapa e Petrobrás, por exemplo) e reforçou a importância da vinculação entre os trabalhos do tripé ensino, pesquisa e extensão. Relatou as dificuldades do Câmpus Canoas para a montagem dos laboratórios de automação industrial e robótica, conquista esta obtida a partir de um convênio com a Petrobrás.

Dentre as ações da PROPI consideradas como conquistas, destacou o fomento e orientação em relação à participação de pesquisadores em editais externos.

Como resultado das políticas e ações de pesquisa e inovação, destacou que diversos trabalhos foram apresentados em

diferentes eventos científicos entre 2011 e 2012, desde eventos tecnológicos a universitários. Mostrou que na IV Jornada de Produção Científica da Educação Profissional e Tecnológica da Região Sudoeste do IFRS levou 16 trabalhos de 5 Câmpus, obtendo 12 premiações. Ressaltou ainda a importância do I Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica do IFRS (I SICT), realizado pela PROPI.

As reflexões sobre a pesquisa no IFRS encerram com o chamamento aos professores para participação na pesquisa e nos editais externos, pois há bolsas e fomentos disponíveis. A captação de fomento externo é importante não só para a consolidação da pesquisa no IFRS, mas também para os estudantes, uma vez que todos os bolsistas testemunham a favor de suas experiências.

A PÓS-GRADUAÇÃO NO IFRS

Ao discutir a temática da “Pós-Graduação no IFRS”, a professora Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França iniciou sua fala contextualizando o Projeto Brasil Profissionalizado (2007) que, posteriormente, deu origem, em 2008, aos Institutos Federais (IF). Considerando a necessária compreensão do processo histórico da educação profissional no Brasil, fez um breve resgate que considerou, além da linha de tempo, a concepção subjacente a cada período, a partir dos Ciclos desenvolvimentistas que deram veemência à educação profissional:

- no império: liceus de artes e ofícios
- na República: colégios/escolas técnicas e escolas normais de formação de professores.
- na novíssima República: institutos federais, especializações, mestrados e futuros doutorados profissionais na pós-graduação. (PNPG 2011-2020)

Nesse cenário, passou a analisar com mais profundidade a pós-graduação no Brasil, referindo que esse nível de ensino compreende programas que podem

ser oferecidos por uma ou mais unidades (interinstitucional, intercâmpus) nas nove grandes áreas (Capes), quais sejam: Ciências Agrárias; Biológicas; da Saúde; Exatas e da Terra; Humanas; Sociais Aplicadas; Engenharias; Linguística, Letras e Artes; Ensino e Multidisciplinar. Os programas podem ser estruturados nas modalidades *Lato Sensu* (especialização) ou *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado). Os cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* oferecem a oportunidade de desenvolvimento científico e aprofundamento da formação obtida no nível de graduação. Os Programas de Pós-Graduação têm como objetivo a formação de recursos humanos altamente qualificados, com vistas ao ensino, pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Desta forma, o projeto nacional aponta para a necessidade dos programas de pós-graduação que contribuam para a formação de quadros para os setores produtivos na indústria, serviços e governos. Destacou que a Graduação e a Especialização são revisões de conhecimentos já produzidos. Em contrapartida, na Pós-graduação em nível de mestrado e doutorado há pesquisas que ampliam o campo científico e tecnológico. O *Stricto Sensu*, para ela, localiza-se em um patamar mais elevado de reconhecimento, participação e conhecimentos produzidos.

Alguns dados estruturantes da conjuntura atual dos Programas de Pós-graduação foram retomados, desde a época do império, com os liceus; na República, com colégios ou escolas técnicas; e na Nova República, com os IF, nos quais há especializações, mestrados e futuros doutorados profissionais. O ensino profissionalizante visa qualificar pessoas para o mercado de trabalho, mas sofre certo estigma histórico. Nesse processo histórico há que se considerar a importância da proposta dos IF e, a professora remete a uma afirmação do professor Júlio Xandro Heck em 2010 (então Vice-

-diretor do Câmpus Porto Alegre do IFRS) que, ao ser indagado em um evento de formação sobre qual era o projeto que se apresentava aos novos servidores, respondeu: “é a possibilidade de construir a história do Instituto!”

Nesse contexto, o sistema de ensino deve oferecer respostas estratégicas aos problemas nacionais, através do fortalecimento da educação profissional (ênfase à verticalização do ensino no caso dos IF) com vistas à pós-graduação, cujos egressos estarão voltados para mercados não acadêmicos (empresas, órgãos do governo, organizações não governamentais, movimentos sociais e culturais). A inovação se insere, nessa proposta, como um novo paradigma.

A professora apontou, também, alguns desafios, quais sejam: a) a necessidade de o sistema de ensino oferecer respostas estratégicas para a engrenagem de um projeto que é nacional; b) a ênfase que tem de ser dada à verticalização do ensino, entendendo que a pós-graduação poderia fazer parte desse quadro de verticalização; e, c) o imperativo de um diálogo constante e de ajuda mútua entre os níveis de escolaridade, quando se trata de um mesmo projeto. Ademais,

considerou que os egressos não estarão voltados para o mercado, pois está se organizando um novo paradigma, voltado para a coletividade (como empresas, órgãos do governo, ONGs, movimentos sociais e culturais). Participando do Comitê de Pesquisa do IFRS (COPI), deu-se conta de que as pessoas devem compreender pesquisa não como algo particular de seu Câmpus, mas como um amplo projeto do Instituto Federal.

Além disso, apresentou requisitos para a implantação de programas de Pós-graduação, entre os quais destacam-se: a maturação institucional, a participação de pesquisadores produtivos e a existência de infraestrutura e ambiente consolidados de pesquisa.

Ao analisar o Plano Nacional de Pós-Graduação, que prevê mestrados profissionais apontou que o ponto de partida deveria dar-se com base em:

- diagnóstico de necessidades e ofertas;
- urgência de novos arranjos institucionais com base em indicadores de solidariedade (principalmente no trabalho coletivo dos mestres e doutores, com vistas a não desperdiçar capital intelectual);

DEISE DAGNESE



Implantação de programas de pós-graduação foi um dos temas discutidos na mesa redonda

MESAS-REDONDAS

- formação de uma nova agenda de pesquisa (combinando temas, prioridades e campos disciplinares);
- implementação de ações efetivas que atendam a realidade social.

Como impasses para a promoção dos mestrados profissionais citou o indispensável trabalho interdisciplinar, a composição de grupo e linhas de pesquisa direcionados aos objetivos do Programa, a integração de pesquisadores com expressiva produção, a inserção internacional e a submissão à avaliação da CAPES como ferramenta de padronização dos PPGs.

Para exemplificar a possibilidade concreta dos processos de implementação de Programas de Mestrado Profissional, a professora Maria Cristina França relatou a experiência do Câmpus Porto Alegre, que resultou na não autorização da proposta pela CAPES. A partir dessa experiência propôs, então, uma revisão sobre os procedimentos, o que vem se constituindo em um aprendizado conjunto daqueles que idealizaram tal projeto.

Finalizando, a professora Maria Cristina sugeriu repensar a Resolução CON-SUP nº 82 de 19 de outubro de 2011, que aprova o Regulamento da Atividade Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS, no sentido de definir uma destinação de horas especificamente para a participação em Pós-Graduação.

INTERNACIONALIZAÇÃO DO IFRS

O professor Dr. Evandro Manara Miletto organizou sua análise sobre a Internacionalização do IFRS partindo de experiências pessoais, passando pela internacionalização propriamente dita e alguns depoimentos de participantes de programas de pesquisa internacionais para, finalmente, chegar às considerações finais. Iniciou sua fala com a questão: “Onde queremos chegar?” Para responder a questão, retomou o processo de inserção do IFRS no cenário da

Internacionalização, quando da assinatura do acordo de cooperação durante a Conferência Anual de Visitas Técnicas a Colleges e Faculdades, promovido pelo CONIF e ACCC - Niágara Falls, Canadá, em 2010.

A assinatura do referido acordo de cooperação possibilitou que, em 2011, o IFRS - Câmpus Porto Alegre recebesse 4 (quatro) alunos do Cégep de Sherbrook, Québec, para realização de pesquisa e extensão na área da biotecnologia como parte das atividades de construção do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para tanto, os alunos contaram com o apoio do Programa de Acolhimento ao Aluno Estrangeiro (Coordenado pelo Núcleo de Acompanhamento Acadêmico - NAAc), bem como com a orientação dos professores Telmo Ojeda, Márcia Bündchen, Paulo Artur Xavier Konzen de Melo e Silva e Ângelo Cássio Horn do mesmo Câmpus.

No mesmo ano de 2011, o IFRS organizou uma missão ao Canadá para visitas técnicas e apresentação de projetos, na qual participaram, além de representantes da Reitoria, 3 (três) docentes do IFRS, selecionados por edital, a saber: professora Júlia Marques (Câmpus Bento Gonçalves), professor Anderson Favero Porte (Câmpus Rio Grande) e professor Evandro Manara Miletto (Câmpus Porto Alegre).

Como resultado dessa missão, o IFRS – Câmpus Porto Alegre recebeu em 2012, um grupo de 7 (sete) estudantes e 2 (dois) docentes Cégep de Sherbrook, Québec, para desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão nas áreas de informática e meio ambiente. Com envolvimento dos professores Simone Kapusta, André Peres, Telmo Ojeda e Evandro Manara Miletto, foram ministrados aos estudantes canadenses e brasileiros cursos em suas áreas específicas. Cabe ressaltar que os instrutores dos cursos foram os próprios alunos, que aceitaram o desafio e a proposta de promover a in-

tegração e desenvolver habilidades de comunicação em outro idioma. A ação também possibilitou o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre “Qualidade da Água”, o qual já resultou na publicação de um artigo em conjunto.

Em 2013, o IFRS – Câmpus Porto Alegre receberá um grupo de 6 (seis) alunos e 1 (uma) docente da mesma instituição canadense com a proposta de realizar, da mesma forma, atividades de pesquisa e extensão, quais sejam: complementar as atividades já iniciadas no ano anterior, desenvolvimento de softwares, atividades do projeto de pesquisa Qualidade da Água, experimentos e avaliações, redação de artigo, além de atividades culturais e de integração.

Como resultado dessa parceria, atualmente o IFRS – Câmpus Porto Alegre e o Cégep de Sherbrook desenvolvem, conjuntamente:

- Projeto de Pesquisa Qualidade da Água – envolvendo 6 (seis) professores, 6 (seis) alunos e 1 (um) artigo publicado em conferência nacional;

- Projeto Cinema, Cultura e Mundo do

Trabalho – em fase de implementação: envolvendo 136 (cento e trinta e seis) alunos e 6 (seis) professores;

- Projeto de Inclusão Social – em fase de implementação: envolvendo 6 (seis) professoras e alunos.

Posteriormente, o professor Evandro abordou com mais profundidade o tema da Internacionalização, comentando que esta pode ser analisada sobre dois enfoques: o institucional e o acadêmico (GUIMARÃES, J. 2012). No enfoque institucional o professor Evandro detalhou objetivos mais voltados ao marketing interno e externo visando renome institucional; popularização de cursos;

realização de eventos internacionais; atração de pesquisadores e produção bibliográfica. No enfoque acadêmico, ressaltou uma preocupação maior com a formação de pessoas, foco na educação e ciência; intercâmbio de experiências com estrangeiros; ações docentes/disciplinas; colaboração para a ciência através de atividades de formação, impacto na pesquisa, bem como debates de interesse comum.

Nesse cenário, analisou e questionou o sentido da internacionalização, destacando um dos princípios das relações internacionais: “cooperação entre os povos para o progresso da humanidade”. (Art. 4º, IX – CF) Destacou, também, que não

há diretriz explícita para a internacionalização acadêmica, referindo que esse processo representa “[...] mecanismo essencial para a formação acadêmica e para a solução de problemas brasileiros e comuns da humanidade.” (TELES, 2005)

O professor Evandro Miletto tratou, ademais, dos princípios das relações internacionais e da internacionalização dos IFs, ressaltando objetivos, importância, linhas mestras e estratégias. Entre as estratégias salientou os itens: estruturação da assessoria internacional; capacitação de assessores e equipes; promoções de acordo com instituições estrangeiras; criação de projetos de cooperação técnica; realização de atividades de mobilidade; atualização dos portais institucionais e fomento à prática de idiomas. Como modalidades de cooperação, mencionou que os servidores contam com missões, estágios, dupla diplomação e possíveis recursos (bolsas CNPQ/CAPES; fomento interno e o programa Ciência sem Fronteiras).

Finalizando, o professor Evandro

Um dos princípios das relações internacionais é a “cooperação entre os povos para o progresso da humanidade”. (Art. 4º, IX – CF)

apontou como desafios a serem enfrentados na consolidação da internacionalização do IFRS: programas eficientes de cooperação; flexibilidade curricular; compatibilidade curricular; previsão dos impactos na matriz orçamentária; criação de programas linguísticos; intercâmbio de estudantes, tendo em vista, sempre, o compromisso social. Diante desse cenário, questionou possibilidades para abordar a internacionalização. Sugeriu, por exemplo, a oferta de bolsas de estudo no exterior para os alunos com melhores desempenho acadêmico e busca de recursos/editais para professores visitantes. Apontou, também, algumas sugestões de ações ou processos a serem criados ou aprimorados no IFRS: assumir a internacionalização como política e ação institucional; clareza quanto ao modelo e responsabilidades das instituições envolvidas; treinamento de pessoal de suporte; *site* institucional com versão em língua inglesa; aproveitamento curricular da ação realizada no exterior (estágio); participação dos docentes visitantes em bancas; envolvimento com ensino, pesquisa e extensão; busca de editais que fomentem essas ações; currículo internacionalizado e flexível; e, fomento ao estudo de idiomas. Além dessas ações, sugeriu também a identificação de instituição parceira para potencial para complementar o desenvolvimento local; publicação e utilização de material em língua inglesa para ambientar estudantes; criação de página com programas e projetos em desenvolvimento e divulgação do Programa Inglês sem Fronteiras.

Na sequência das apresentações sobre o tópico “Internacionalização”, o aluno Giovani Giotto, acadêmico do Superior de Enologia do Câmpus Bento

relatou a sua experiência no Programa Ciência sem Fronteira. O relato foi realizado por vídeo gravado especialmente para o evento, já que o aluno encontrase finalizando suas atividades junto à Universidade Católica do Chile. No relato, o aluno apontou as dificuldades encontradas no início do Programa, já que havia pouca informação acerca dos procedimentos necessários para que o intercâmbio se concretizasse. Cita a falta de um fluxo de procedimentos estabelecido no IFRS e até mesmo no CNPq para que proporcionasse a solução das dificuldades. No entanto, reitera fortemente a importância do Programa no seu desenvolvimento profissional e pessoal, pois no

Chile, pôde ter contato com novas estratégias de ensino e pesquisa, que certamente serão importantes no seu exercício profissional. Além disso, lembrou a sua origem humilde no interior do município de Flores da Cunha e que, sem o Programa jamais teria tido uma oportunidade como essa. Destacou também a enorme ajuda prestada pelo Profes-

sor Marcus Almança, seu orientador no Câmpus Bento Gonçalves e que o ajudou em todos os momentos. Por fim, apela aos professores que incentivem os seus alunos a fazerem intercâmbio com outros países.

DISCUSSÕES E ENCAMINHAMENTOS

As reflexões apresentadas pela mesa sobre as temáticas da pesquisa, da pós-graduação e da internacionalização, suscitaram questionamentos dos participantes do evento, entre os quais destacamos:

- fomento às revistas científicas no IFRS;

Aluno do Programa
Ciência Fronteiras
pôde ter contato com
novas estratégias
de ensino e
pesquisa, que serão
importantes no seu
exercício profissional

- valorização do conhecimento de Língua Estrangeira na experiência de intercâmbio,
- incentivo à qualificação docente com critérios mais claros para afastamento, inclusive valorizando as instituições estrangeiras;
- critérios CAPES para a implantação de PPGs no IFRS;
- ênfase no vínculo entre os elementos do tripé “ensino-pesquisa-extensão”;
- o papel da pesquisa básica e da pesquisa aplicada no perfil institucional;
- sistema SigProj;
- Programa Ciência sem Fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma relação de colaboração entre a PROPI e os Câmpus foi definida com vistas ao fortalecimento de gestão dos processos inerentes à área, bem como para a consolidação da pesquisa, pós-graduação e inovação no IFRS.

O II SAS configurou-se como um espaço privilegiado de trocas, pois possibilitou um debate profícuo entre a mesa e os servidores participantes. Tal diálogo suscitou um valioso processo de avaliação das políticas e ações da pesquisa, da pós-graduação e da internacionalização. Entendemos como LEITE, TUTIKIAN, HOLZ (2000) que a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão em uma instituição complexa como é o caso do IFRS, não pode ser avaliada através de:

um atributo abstrato, traduzido em determinada propriedade ou conjunto de propriedades inerentes a um objeto, comparada(s) a outros padrões de referência. A qualidade é um juízo valorativo que se constrói socialmente e, em consequência, implica escolha de um sistema valorativo em um determinado espaço social. [...] não se pode discutir a problemática da qualidade sem considerar a pertinência da educação [...]. (LEITE, TUTIKIAN, HOLZ (2000, p. 24)

Assim, o conteúdo reflexivo sobre o processo de implementação da pesquisa, da pós-graduação e da internacionalização, suas dificuldades e possibilidades, constituem-se de sentido apenas e somente através da voz daqueles que constroem cotidianamente o IFRS. A participação é, portanto, condição básica da gestão democrática inerente aos processos das instituições públicas de ensino.

Por fim, esperamos que as reflexões prossigam e, acima de tudo, sejam transformadas em ações de superação na pesquisa, na pós-graduação e na internacionalização, e que este momento institucional único possa servir como uma valiosa ferramenta de gestão para os próximos anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPg 2011. 2v. Brasília, DF: CAPES, 2010.

BRASIL. Constituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 14 abr. 2013.

GUIMARÃES, J. A. A Internacionalização da Universidade Brasileira no presente contexto educacional, suas Perspectivas e o papel dos Professores Titulares. Conferência no ICB. UFRJ. Disponível em: <<http://www.icb.ufrj.br/media/ConferenciaJorgeGuimaraesCongregacaoMai2012.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

LEITE, Denise; TUTIKIAN, Jane; HOLZ, Norberto. Avaliação e compromisso. Construção e prática da avaliação institucional em uma universidade pública. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2000.

TELES, A. C. T. O. Internacionalização acadêmica: um percurso de desafios. Revista da UFG, v. 7, n. 2, dez. 2005. Disponível na Web: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/K-internacionaliza.html>. Acesso em: 14 abr. 2013.

MESAS-REDONDAS



Processo de integração dos câmpus do IFRS foi debatido entre os participantes da mesa

Possibilidades e Desafios de uma Instituição Multicâmpus: Como Construir a Unidade?

A mesa-redonda “Possibilidades e Desafios de uma Instituição Multicâmpus: como construir a unidade?”, coordenada pelo pró-reitor de Desenvolvimento Institucional, Osvaldo Casares Pinto, teve como participantes a reitora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Ulrika Arms; o reitor do Instituto Federal Sudeste de Minas, Paulo Rogério Araújo Guimarães; o professor do Câmpus Rio Grande, José Eli Santos dos Santos; e o diretor-geral do Câmpus Canoas, Mariano Nicolao. Foram relatores Lucio Vieira, do Câmpus Porto Alegre, e Fábio A. Marin, do Câmpus Bento Gonçalves.

A grande cena do debate se deu pelas percepções de um docente em sua vivência de Câmpus, de um Gestor na condição de Diretor de Câmpus e de dois Reitores, sendo de um IF e de uma IES. A seguir as percepções sentidas:

PROFESSOR JOSÉ ELI S. SANTOS – CAMPUS RIO GRANDE

Após trazer breve histórico acerca do Campus buscando situar o mesmo no contexto histórico no IFRS, passou a identificar:

Dificuldades sentidas:

- Sensação de retrocesso;
- Insegurança jurídica (normas para concursos, progressão, afastamento);
- Falta de padronização de procedimentos administrativos;
- Falta de autonomia.

Oportunidades:

- Construção coletiva e democrática;
- Diversidade cultural;
- Quebra de paradigmas;
- Participar da revolução da educa-

ção profissional.

Principais Desafios:

- Agilizar a regulamentação das normas (número de servidores, distância);
- Motivar alunos e servidores a participar;
- Respeitar os arranjos produtivos locais;
- Conciliar os interesses respeitando as diferenças e mantendo a unidade.

PROFESSOR MARIANO NICOLAO – DIRETOR DO CÂMPUS CANOAS

Por que ser estrutura multicampi?

Porque foi criado pela Lei. “Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi”.

Dificuldades:

Necessidade de estreitamento das relações entre os câmpus em todos os âmbitos (Ensino, Pesquisa, Extensão & Administrativo).

Como construir:

Pela estratégia da comunicação, através de padronização de metodologias, com vista a fluidez de informações. Ex: portal Web institucional. O que estaria nos portais?

Sugestão: melhor uso das mídias digitais, tais como web conferencia.

Como construir a unidade?

• No Ensino

Respeitando as especificidades, a territorialidade, unificando as matrizes curriculares.

Estabelecer organicidade pedagógica quanto aos modelos de avaliação e da organização didática (semestre, bimestre, nota, conceito);

• Na Gestão do Conhecimento

Independente de quem tem cargo, os conhecimentos adquiridos devem ser perpetuados e socializados, ou seja não pertencem ao servidor e sim ao meio institucional.

PROFESSOR PAULO ROGÉRIO ARAÚJO GUIMARAES – REITOR DO INSTITUTO FEDERAL SUDESTE MINAS

Dificuldades no Processo de Integração decorrente de: Estrutura multicâmpus, Culturas distintas, e falta de referencial a seguir.

Assim como o IFRS, o IF nasceu de uma composição multicampus, com características próprias, culturas plurais; exigindo discussão complexa. Pela falta de referencial cada qual seguia seu caminho. Observa que o processo de expansão também está seguindo este caminho. As práticas correntes observadas se pautam no patrimonialismo, fomento a diferença, territorialismo exacerbado, interesses políticos partidários colocados acima da proposta ou do estudo pedagógico. Há conceitos de expansão diferentes em cada campus. Resposta do Governo não acompanha o previsto no plano de metas, fragilizando o próprio plano.

O governo não fomenta o todo, mas ao mesmo tempo cobra resultados para divulgar para a sociedade.

Outro ponto que gera preocupação é fragilidade dos vínculos dos professores que atuam em Ead e PRONATEC.

Identifica também a dinâmica governamental: lentidão das ações quanto a: liberação de códigos de vagas, Recursos Humanos insuficientes, Infraestrutura inadequada, Sistema de Gestão Integrada que não responde adequadamente ao criado.

Sugestão:

- O uso de boas práticas dentro do IF;
- Autonomia dos Câmpus;
- Orçamento Participativo;

- Órgãos colegiados representativos;
- Audiências e Consultas Públicas;
- Fóruns e Comitês;
- Autonomia dos Câmpus;
- Diretrizes Gerais (Assistência Estudantil, Afastamento, Editais Referenciais);
- SPCH.

Possibilidades e desafios: construindo a unidade

Papel da Reitoria:

Como agente de integração e articulação - Gestão, Ensino, Pesquisa, Extensão, Esporte, Lazer Cultura e Arte (Servidores e Alunos).

Como agente de Planejamento estratégico - definindo realmente qual o papel daquele câmpus naquele recorte evocando como princípio a ser respeitado a pluralidade e as diferenças históricas culturais, reconhecendo que é possível crescer respeitando as individualidades, tendo como meta a excelência acadêmica com um todo.

PROFESSORA ULRIKA ARMS – REITORA UNIPAMPA

GABRIELA MOREL



Estrutura multicâmpus: discussão complexa

Breve apresentação a respeito de estrutura recebida e da criação a partir da tutela de duas universidades federais (UFPEL e UFSM).

Desafio de Gestão:

- Inclusão social e excelência acadêmica - compromisso social com qualidade acadêmica
- Constituir-se enquanto equipe de gestão - princípios da gestão democrática (desafios da convivência ouvir/falar/ceder/construir coletivamente)

De ordem pedagógica estrutural

Focar a questão aspecto humano, e aspecto pedagógico. Definir cursos para atender a demanda, visto que grande parte dos alunos da IES são advindos das classes sociais C, D e E.

Definir projetos pedagógicos articulados: graduação e a pós-graduação tentando incorporar a teoria e a prática num modelo de extensão na formação curricular.

Estabelecer a investigação no ensino acadêmico como princípio básico em modelos curriculares flexíveis e inovadores;

Como construir a unidade?

Pela participação coletiva nas decisões, respeitando a diversidade mantendo diálogo permanente com a comunidade interna e externa, buscando espelhar as ações da IES aos anseios dos construtos em que estão inseridos, sempre dialogando no âmbito coletivo plural e não no individual, ou seja, um processo de formação continuado; propondo a criação de fórum de diretores incentivando a discussão e diálogo franco.

DEBATE

Por encaminhamento da mesa foram abertos questionamentos:

Comunicação

Necessário que se busquem ferramentas para socializar o que o IF produz. Como fazer? Deve-se buscar meios que sejam de uso comum ao usuário. Uma das práticas sugeridas é o uso de mídia eletrônica, como o portal web. Relevante saber o que se quer com isso, quem irá operacionalizar e que resultados se desejam. O pano de fundo traz a necessidade de estabelecer canais confiáveis de acesso a informação tanto para o público interno como para a sociedade. O que se busca com isso é transformar as ações em algo produtivo, que não fique apenas restrito a “A ou B”, mas que seja do coletivo.

Autonomia

Constata-se que há uma pluralidade quanto ao processo democrático da autonomia. Enquanto alguns querem plena; outros desejam apenas autonomia

delegada, ou nenhuma. Como proposta é necessário definir uma estratégia geral a ser usada nos Campus, contudo é importante buscar o refinamento em cada local, respeitando as características próprias.

É necessário e urgente que se façam mapeamentos macro e micro das funções e atividades em cada Câmpus e a partir de tal definir as especificidades.

Padronização de processos

Está claro que é necessário e urgente que se façam mapeamentos macro e micro das funções e atividades em cada Câmpus e a partir de tal definir as especificidades. A questão explicitada refere-se a responsabilidade pela operacionalização do processo, ou seja, quem irá executar? Como possibilidade apontada: contratação de pessoa jurídica.

Fóruns democráticos

Chama atenção que em sendo democráticos, seja eficiente e eficaz. A discussão nestes deve apontar para uma decisão mesmo que essa seja posteriormente modificada.

GABRIELA MOREL



Para palestrante, unidade é construída pela participação coletiva, respeitando a diversidade

MESAS-REDONDAS

As Políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios

Viviane Silva Ramos¹

Carla Regina André Silva²

Olavo Ramalho Marques³

Cibele Schwanke⁴

Cristiane Câmara⁵

Márcia Pereira Pedroso⁶

Elisângela Batista Maciel Rodrigues⁷

Marcos Antonio de Oliveira⁸

Liliane Dufau da Silva⁹

INTRODUÇÃO

Diante do cenário de expansão e consolidação Institucional, o tema “Políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios” foi pauta de discussão durante o 2º Seminário Anual dos Servidores (SAS) do IFRS, realizado em abril de 2013.

A apresentação das Experiências, Possibilidades e Desafios, no âmbito do tema em questão, foi coordenada pela Pró-reitora de Extensão Viviane Silva Ramos (IFRS - Reitoria) e contou com a participação dos servidores Carla Regina André Silva, Olavo Ramalho Marques, Cibele Schwanke e Cristiane Câmara. Também compuseram a mesa, na con-

dição de relatoras, as servidoras Márcia Pereira Pedroso e Elisângela Batista Maciel Rodrigues. Também participaram, na condição de assistentes de mesa, os servidores Marcos Antonio de Oliveira, Liliane Dufau da Silva.

A escolha do tema foi realizada através da ampla participação dos servidores, que destacaram a necessidade de discutir as “Políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS”. Dessa maneira, o objetivo da mesa consistiu na apresentação das ações executadas no IFRS, na intenção de socializar as experiências/situações observadas até o momento, apontar as potencialidades institucionais, bem como elaborar estratégias para os desafios, visando à consolidação das Políticas de Inclusão e Extensão no IFRS.

AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO E A EXTENSÃO NO IFRS: EXPERIÊNCIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DOS NAPNE’S

O tema “As políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios dos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais” foi tratado pela servidora Carla Regina André Silva, que abordou o contexto histórico da inclusão no Brasil, bem como questões relacionadas ao desconhecimento, violência, preconceitos e discriminação acerca do assunto.

Apesar dos entraves e problemas relacionados ao termo “inclusão”, o Brasil já possuía, em 2009, aproximadamente quatrocentos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE’s). No IFRS, os NAPNE’s compõem a estrutura regimen-

1 Mestre em Ciências, Professora do IFRS - Câmpus Sertão e Pró-reitora de Extensão do IFRS.

2 Mestre em Enfermagem, Enfermeira do IFRS - Câmpus Rio Grande.

3 Mestre em Antropologia Social, Professor do IFRS - Câmpus Caxias do Sul.

4 Doutora em Ciências, Professora e Diretora de Extensão do IFRS - Câmpus Porto Alegre.

5 Especialista em Educação Especial Inclusiva, Pedagoga do IFRS - Câmpus Erechim.

6 Doutora em Psicologia, Psicóloga do IFRS - Câmpus Restinga.

7 Especialista em Auditoria e Finanças, Contadora do IFRS - Câmpus Bento Gonçalves.

8 Mestre em Ciências, Professor e Diretor de Extensão do IFRS - Câmpus Sertão.

9 Mestre em Matemática, Professora do IFRS - Câmpus Porto Alegre.



Pró-reitora Viviane Silva Ramos coordenou discussão sobre inclusão e extensão no instituto

tal da Instituição e estão organizados em cada um dos 12 câmpus, estando, atualmente, vinculados ao setor de Extensão de cada unidade administrativa.

Mas, “O que estamos construindo sobre a inclusão no IFRS?”. Sobre o assunto, destacaram-se as Experiências, Possibilidades e Desafios, conforme abaixo especificadas:

Experiências

De acordo com as experiências relatadas, ainda não há alunos com necessidades específicas em todos os câmpus do IFRS. O assunto, entretanto, segundo a palestrante, necessita ser tratado junto aos alunos e servidores de cada unidade administrativa da instituição.

Nesse sentido, foram citadas as atividades desenvolvidas até o momento acerca do tema, tais como: acompanhamento da inclusão; apoio da Comissão Permanente de Processo Seletivo Discente (COPERSE); visitas a parceiros voluntários; participação em eventos; produção de blog's; atividades voluntárias e construção de materiais pedagógicos.

Dentre as conquistas, citam-se: os resultados positivos alcançados nos pro-

jetos desenvolvidos; a estruturação de espaços físicos e recursos para as ações; desenvolvimento de ações de reflexão sobre a inclusão; conquista de credibilidade nas parcerias de trabalhos realizados e inclusão de alunos com necessidades específicas.

Apesar da necessidade de desenvolvimento de ações relacionadas à inclusão, ainda há carência de Recursos Humanos com carga horária específica e destinada exclusivamente para este fim; falta de conhecimento e formação para trabalhar com o conceito de deficiências. Além disso, também se observa a resistência de professores em romper barreiras e investir no desenvolvimento de alunos em potencial.

Possibilidades

Dentre as possibilidades que visam o incremento das ações de inclusão na Instituição, é possível destacar a inserção de questões relativas à inclusão nos planos de cursos, a partir de adaptações curriculares, metodologias de ensino e materiais didáticos. Aliado a isso, a capacitação de servidores é de extrema importância para atuação frente às demandas

de inclusão no IFRS.

Não obstante a isso, a busca constante de integração com o ensino, em seus distintos níveis de ensino, é relevante para a consolidação das políticas de inclusão no IFRS.

Desafios

De acordo com a realidade observada, citam-se alguns dos desafios que se apresentam até o momento: equipar os NAPNE's; melhorar a infraestrutura de acessibilidade nos câmpus; melhorar os índices de permanência; efetivar os objetivos contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI); definição de recursos dos câmpus para as ações de inclusão; setor de Gestão de Pessoas com afinidade e conhecimento sobre o assunto; inclusão de cotas para Portadores de Necessidades Especiais (PNE's), nas políticas afirmativas do IFRS.

A palestra que abordou "As políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios dos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais" foi finalizada com os questionamentos "Nós somos uma instituição inclusiva?" e "O que estamos fazendo individualmente e coletivamente para efetivar a inclusão no IFRS?".

INCLUSÃO SOCIAL

O tema "Inclusão Social" foi tratado pelo servidor Olavo Ramalho Marques, o qual desempenha suas funções docentes no IFRS - Câmpus Caxias do Sul e coordena os trabalhos do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI's) na referida unidade administrativa. Assim

como os NAPNE's, os NEABI's também estão vinculados ao setor de Extensão do câmpus e compõem a estrutura regimental da instituição.

A criação dos NEABI's no IFRS decorreu, entre outros anseios, de consultas de órgãos públicos, como a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e a Defensoria Pública do Rio Grande do Sul, quanto à atuação da instituição sobre as questões étnico-raciais e, em especial, ao atendimento às Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Diante da necessidade exposta, de estudos relacionados ao tema, atualmente 12 dos 40 NEABI's do Brasil pertencem ao IFRS.

Ainda no contexto da inclusão social, tratou-se do Plano Nacional de Implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

Ainda sobre inclusão social, foram abordados alguns aspectos da Lei nº 10.639/2003, marcada como ponto de chegada das lutas antirraciais no Brasil. A referida lei é o resultado efetivo da ação de sujeitos e organizações que buscam novos rumos para a sociedade brasileira.

Nesse contexto, a criação dos NEABI's faz parte de políticas de governo no IFRS, visando tratar sobre o assunto nas esferas do ensino, pesquisa e extensão, para fins de implementação de políticas afirmativas. No câmpus Caxias do Sul, a partir da criação do referido núcleo, objetivou-se a formação de redes de pessoas que atuam na temática da cultura e identidade afro-brasileiras e indígenas enquanto participantes de instituições políticas, comunidades religiosas, entre

Entre os desafios está fomentar uma educação para a diversidade cultural, racial e étnica, de classe, para construção de uma sociedade igualitária

outras.

A seguir são apresentadas as Experiências, Possibilidades e Desafios relacionados ao tema “Inclusão Social”:

Experiências

Dentre as experiências, citam-se: a produção e o resgate de ervas medicinais no tratamento da saúde; a realização da semana dos povos indígenas e ações afirmativas; a aproximação à aldeia Kaingang, de maneira conjunta com os Câmpus Farroupilha e Câmpus Bento Gonçalves.

Foram relatadas, dentre as dificuldades, a falta de Recursos Humanos; falta de incentivo e motivação nos câmpus; necessidade de alocação de carga horária adequadas aos membros dos NEABI's para atuarem nos núcleos.

Possibilidades e desafios

Apesar das dificuldades relatadas, foram apresentadas as possibilidades e desafios para o IFRS, tais como: a construção de um IFRS inclusivo; constituição dos NEABI's como centros de referência nas questões étnico-raciais em nível local; fomentar uma educação para a diversidade cultural, racial e étnica, de classe, para construção de uma sociedade igualitária;

produção de material de qualidade; pesquisas, materiais didáticos, entre outros.

PRONATEC COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

O tema “Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) como instrumento de Inclusão Social”, apresentado pela Dra. Cibele Schwanke, visou refletir sobre as ações destinadas a inclusão social para a população que é social e economicamente excluída, sendo o Programa um exemplo de inclusão.

Nessa temática, também foi abordada a necessidade de o Pronatec se constituir em uma Política Pública, criada como resposta do Estado às demandas da sociedade, bem como da necessidade da implementação de mecanismos que aumentem sua efetividade, eficácia e eficiência.

Experiências

Dentre as experiências, foram relatados os atores e a articulação necessários para implementação do programa. Apesar da implementação, entretanto, que tem foco na vulnerabilidade das populações relacionadas ao programa, foi observado

DANIEL DE MOURA



Destacou-se que os câmpus precisam melhorar a infraestrutura de acessibilidade

uma evasão média de 42%.

As experiências do Pronatec também foram demonstradas a partir de um vídeo institucional produzido pelo IFRS - Câmpus Porto Alegre, com experiências relatadas pelos profissionais e pelos estudantes.

A pactuação no Pronatec, em relação ao Estado e ao Brasil, também é muito significativa e relevante. Pelas demandas que chegam ao IFRS, serão mais de 10.000 vagas pactuadas e a o IFRS possui capilaridade única no Brasil em relação ao Programa, porque o Pronatec é atendido nos 12 câmpus da Instituição.

Possibilidades

Dentre as possibilidades, foram apresentadas as diferentes ações que o Pronatec proporciona, tanto a partir da Bolsa Formação Trabalhador como a partir da Bolsa Formação Estudante. Dessa forma, o potencial de atendimento ao público-alvo, a qual se destina o Pronatec, é muito significativo e o IFRS tem responsabilidade social perante a demanda que se apresenta.

Desafios

Os desafios citados foram: ampliar a oferta de vagas; estreitar a articulação com os demandantes; divulgar as ações, publicar os resultados e solucionar os gargalos. Ainda foram relatados que, apesar do orçamento adequado, há certas dificuldades quanto à liberação dos recursos e falta de pessoal para tratar dos assuntos relativos ao Programa.

A palestrante propõe que o IFRS se assemelhe aos números de execução do Sistema S, aumentando o número de vagas, pois considera que tenhamos potencial para tanto.

Ademais, também se observa o preconceito perante o Programa, mas que ele trata de inclusão, de colocar uma escola dentro da outra, com recursos próprios que não podem ser ignorados.

MULHERES MIL

O tema “Mulheres Mil”, abordado pela Pedagoga Cristiane Câmara, tratou sobre a criação do Programa e a situação desta ação no IFRS.

No Brasil, a criação do Programa Mulheres Mil se deu no ano de 2005, a partir de uma parceria com o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e Colleges Canadenses. Desta ação conjunta, resultou a oferta do primeiro curso e a qualificação de camareiras. A partir do sucesso deste caso, foram realizados, posteriormente, 12 projetos políticos.

No IFRS, a meta é qualificar 100 mulheres em cada um dos câmpus. Os cursos tem duração de 160 horas, os quais são divididos em 80 horas específicas na área técnica e 80 horas de oficinas diferenciadas na área da saúde, empreendedorismo, informática e cidadania.

Experiências

Em um primeiro momento houve resistência de algumas mulheres, principalmente pelas vivências diferenciadas. Entretanto, a partir da apropriação dos novos conhecimentos, de experiências que não faziam parte da sua rotina, elas passaram a integrar-se ao Programa.

Os resultados, obtidos até o momento, refletiram na empregabilidade; acesso às informações; confiança; enriquecimento do vocabulário; melhoria na saúde emocional e mulheres incluídas na Instituição. Ainda, dentre os resultados, foram apresentadas imagens dos cursos e ao final, um filme, com uma entrevista realizada pela palestrante e sua colega, ambas gestoras do Mulheres Mil do Câmpus Erechim, com uma estudante do programa, no Painel de entrevistas da TV Erechim.

Dificuldades

As dificuldades observadas até o momento, na implantação do Programa Mulheres Mil, foram: formação de equipe de trabalho; servidores atuando vo-

luntariamente; resistência devido ao público-alvo; firmar parcerias; permanência e conclusão dos cursos por parte das alunas e evasão.

Desafios

O programa faz parte dos objetivos dos Institutos Federais, sendo um serviço prestado e, portanto, não se constitui em favor prestado pelo Instituto.

DISCUSSÕES E ENCAMINHAMENTOS

Durante a seção de debates, acerca do tema “Políticas de Inclusão e a Extensão no IFRS: Experiências, Possibilidades e Desafios”, destacaram-se:

- a falta de uma Política Nacional de Assistência Estudantil para os Institutos Federais;
- necessidade de regulação dos recursos que são destinados à Assistência Estudantil, de forma que contemple o câmpus com maior necessidade de recursos;
- redistribuição de recursos de Assistência Estudantil para os câmpus que mais necessitam;

- necessidade de rediscussão da Lei, em âmbito nacional, a fim de regularizar determinadas inconsistências, tal como o relato de alunos negros que estudaram parcialmente em escola pública não lograrem acesso pela lei de cotas, mas sim os brancos, em função da auto-declaração;
- necessidade de recursos específicos de Assistência Estudantil para os alunos cotistas, com registro da demanda junto ao CONIF;
- registro de demandas do Pronatec Campo, que integra o Pronatec, junto à Secretaria de Desenvolvimento Agrário em Porto Alegre, órgão vinculado do Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- auxílio dos NAPNE's juntos aos professores, visando capacitação para a prática docente aos alunos portadores de necessidades especiais;
- importância da participação de servidores em eventos de capacitação para discutir assuntos relacionados à inclusão e a atividade docente;
- realização do plano de ação nos câmpus, para garantir recursos para os NEABI's.

JOANA PALOSCHI



Cibele: IFRS tem responsabilidade social perante a demanda que se apresenta no Pronatec.

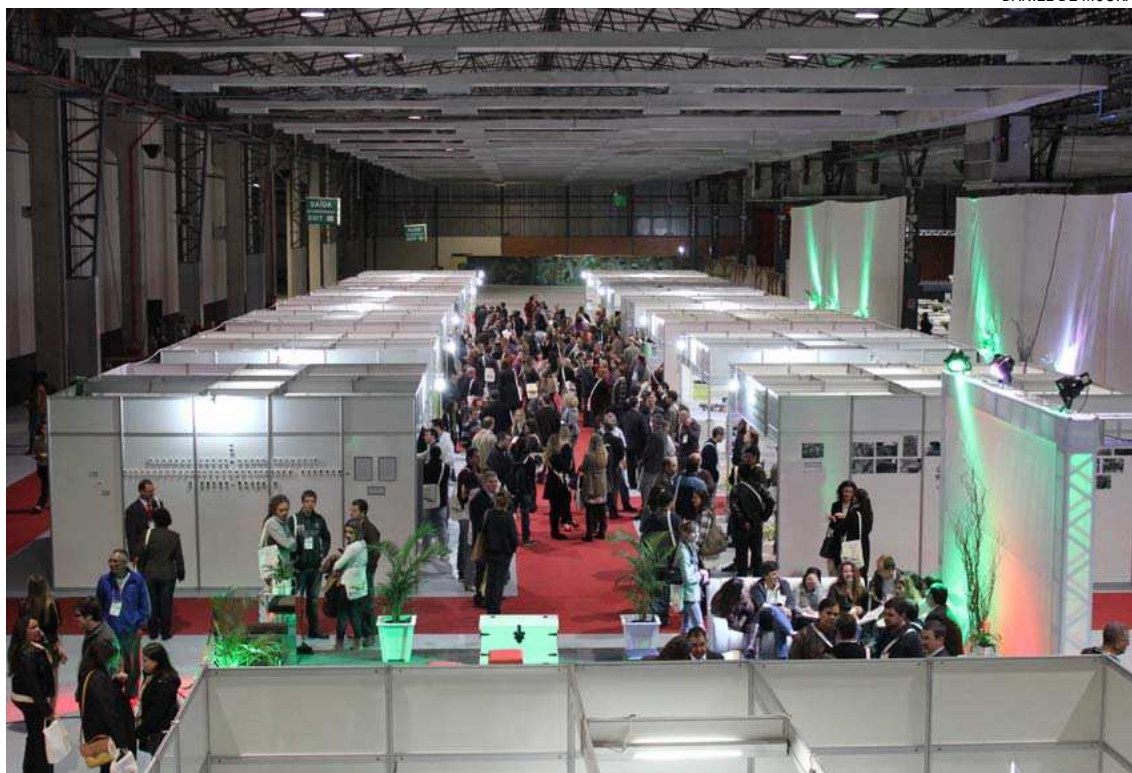
MESAS-REDONDAS

Servidores vivem o IFRS durante o 2º SAS

Um pouco do que é viver IFRS foi apresentado durante a manhã do dia 19/4, nos estandes dos 12 câmpus, Reitoria e Associação dos Servidores do Instituto Federal do RS. Além dos trabalhos desenvolvidos nas unidades, quem passou pelo Espaço Vivendo IFRS teve a oportunidade de apreciar a vernissage e participar do lançamento de livros.

Joana Paloschi
Alessandra Nevado
Andréia Pruinelli

DANIEL DE MOURA



O espaço Vivendo IFRS foi pensado para proporcionar a todas as unidades do Instituto a exposição de suas vivências, além de contemplar os projetos desenvolvidos nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional possibilitando que os servidores conheçam as atividades desenvolvidas.

GABRIELA MOREL



DANIEL DE MOURA





O estande do Câmpus Canoas contou com 10 banners, apresentando as seguintes temáticas: pesquisa, extensão, ensino, administrativo, orçamentário, cursos integrados, superiores e proeja. Estavam expostas, também, fotografias de vários cursos de extensão do câmpus, relacionadas às áreas de cultura, letras e conscientização ambiental. Além desses recursos, disponibilizou-se, ao público interessado, material referente aos cursos ofertados.



O Estande da Reitoria apresentou a concepção da Instituição com um banner divulgando a missão, visão e valores do IFRS e outros cinco sobre as Pró-reitorias e seus representantes.

No espaço foi realizada a votação para escolha da arte e nome da revista da extensão. Com 26,79% dos votos, o nome escolhido foi “Viver IFRS”. A publicação, que será virtual e semestral, promoverá as ações realizadas pelos câmpus do IFRS e contará com artigos sobre as práticas e políticas extensionistas.

O Câmpus Sertão mostrou ações do Projeto de Incentivo ao Desenvolvimento de Artesanato de Referência Cultural, desenvolvido por meio da Oficina Criativa com a comunidade Quilombola de Mormaça, que utiliza retalhos na confecção de bolsas, chaveiros e outros materiais. Além disso, os servidores distribuíram queijo, salame e iogurte produzidos nos setores do curso Técnico em Agroindústria e superior de Tecnologia em Alimentos

GABRIELA MOREL



Os servidores que visitaram o estande do Câmpus Caxias do Sul puderam assistir o vídeo “Quem iria conversar com eles?”, filmado durante visita à Escola Helen Keller realizada em 2012. Um dvd, com o material legendado de libras para o português, foi entregue para cada um dos 12 Câmpus e para a reitoria do IFRS. Foram distribuídos flyers institucionais, sobre os cursos oferecidos e a II Mostra de Ciência e Tecnologia (IFTec). Também foram entregues exemplares do jornal “Em Pauta”, produzidos por alunos. Diversos posters foram expostos no estande, como o do trabalho premiado na IFTec de 2012.

GABRIELA MOREL



O Câmpus Farroupilha levou materiais de divulgação impressos e um vídeo de suas ações de extensão, pesquisa e ensino de 2011 e 2012. Os projetos de Extensão “Cultura Viva”, que envolve os estudantes do Ensino Médio, “Ambiente em Foco”, “Mulheres Mil” e Pronatec.



GABRIELA MOREL



O Câmpus Bento Gonçalves apresentou seus cursos e atividades de pesquisa e extensão, com destaque para o livro “Plantas Medicinais: caracterização, cultivo e uso paisagístico na Serra Gaúcha”, da professora Soeni Bellé. Os servidores ainda mostraram um vídeo com ações para 2013.

ANDREZA CUNHA

Além do aspecto visual com banners, flyers, etc, o Câmpus Porto Alegre chamou atenção com a apresentação musicais do Projeto Prelúdio. Os visitantes ainda puderam ver materiais de divulgação dos cursos do Pronatec e referente à assistência.

GABRIELA MOREL



O evento contou com um estande da ASSIF, que atendeu aos associados e comercializou itens de vestuários.

GABRIELA MOREL



Quem passou pelo estande do Câmpus Restinga pôde conhecer um pouco melhor a unidade por meio de uma linha de tempo que mostrou desde o início da implantação e seus desafios, destacando a presença e participação da comunidade. Os servidores ainda mostraram um projeto que está sendo desenvolvido pelos alunos dos cursos Técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio e superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistema com base no Kinect – sensor de movimentos utilizado em jogos eletrônicos como o Wii. De acordo com o diretor-geral do Câmpus, Gleison do Nascimento, a proposta é para uso de cadeirantes.



O Câmpus Ibirubá mostrou ao público alguns de seus projetos de extensão, tais como, “Leitura em Ação”; “Mulheres Mil”; “Programa Cativar”, que aborda a educação no campo; “Almoço Cultural”, que envolve toda a comunidade acadêmica por meio de diversas atividades artísticas; e cursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec).

ANDRÉIA PRUINELLI



Dentro desta área de ações inclusivas, em seu estande, o Câmpus Osório destacou as iniciativas de pesquisa e extensão realizadas em 2012, entre as quais os artesanatos produzidos nas Oficinas Expressivas pelas mulheres da comunidade Quilombo-la do Morro Alto (Maquiné) e o trabalho “Padronização de um bolo diet através da metodologia de superfície de resposta” premiado na Mostratec com uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e com o credenciamento para um evento científico no Chile.

Os servidores do Câmpus Rio Grande apresentaram seus projetos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Os demais seguiram a mesma linha, dando destaque para alguma iniciativa como, por exemplo, o Câmpus Erechim, trouxe bonecos e vestimentas, resultado da atividade de extensão do curso Técnico em Vestuário e Superior em Design de Moda.

GABRIELA MOREL



Além de mostrar suas ações de ensino, pesquisa e extensão, o Câmpus Feliz presenteou os visitantes com um colar produzido com material cerâmico a fim de destacar o curso Técnico em Cerâmica – único no Rio Grande do Sul. Quem passou pelo estande ainda pôde medir a pressão arterial, os triglicerídeos, o colesterol, a glicemia e a relação cintura quadril, uma demonstração de parte do que é realizado na pesquisa “Avaliação da glicemia, pressão arterial, colesterol e triglicerídeos no treinamento físico aeróbico e intermitente em estudantes do Ensino Médio do IFRS – Câmpus Feliz”, desenvolvida pela professora Vivian Giesel.

JOANA PALOSCHI



Apresentações culturais e exposições

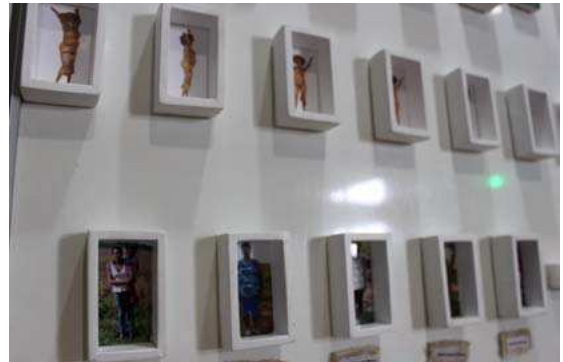
JOANA PALOSCHI

ESPACCO VIVENDO IFRS



DANIEL DE MOURA

GABRIELA MOREL



RAQUEL FERREIRA

Vinícius Lima Lousada apresentou produção fotográfica realizada na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta, na Zona Norte da Capital, com trabalhadores e trabalhadoras de reciclagem



“Encontros e Desencontros: Negra-Macua x Negra-Auta” (2004) e “Ressurgência” (2013), de Elisa Iop

Raquel Ferreira: série “Guardiões”, realizada a partir de pequenos bibelôs

Livros lançados durante o 2º SAS

ANDRÉIA PRUINELLI



Participantes do seminário conferiram livros dos colegas

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013



Técnico em Administração – Gestão e Negócios
Autor: Cláudio Farias



Acessibilidade e Tecnologia Assistiva: pensando a inclusão sociodigital de Pessoas com Necessidades Especiais.

Capítulo 1
A TRAJETÓRIA DA INCLUSÃO
Autores: André Luiz Andrade Rezende, Bruna Poletto Salton, Marguit Goetze, Marina Dall'Onder, Rafael Jaques, Rodrigo da Silva de Oliveira Lima, Tatiane Alves de Medeiro

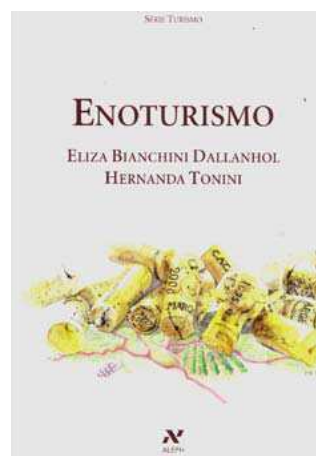
Capítulo 2
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
Autores: Andréa Poletto Sonza, Fabíola Féo,

Josiane Pagani

Capítulo 3
ACESSIBILIDADE FÍSICA
Autores: Sirlei Bortolini, Maurício Covolan Rosito, Jason Scalco Piloti, Lucas Signor Schwochow, Marguit Goetze, Nádia Maia

Capítulo 4
TECNOLOGIA ASSISTIVA E SOFTWARE EDUCATIVO
Autores: Andréa Poletto Sonza, Agebson Façanha, Fabíola Féo, Josiane Pagani, Juliano Gatto, Marco André Santos Machado, Nádia Maia, Rodrigo Cainelli, Woquiton Lima Fernandes

Capítulo 5
ACESSIBILIDADE VIRTUAL
Adrovane Kade, Gleison Samuel do Nascimento, Bruna Poletto Salton, Diego de Oliveira Potapczuk, Fernando Sebenello Soares, Jucélia Poletto Almeida, Lael Nervis, Ricardo Moro



Enoturismo
Autores: Hernanda Tonini e Eliza Bianchini Dallanhol



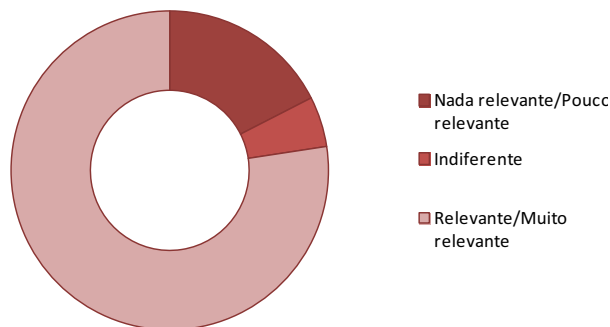
Ambiente: Conhecimento e práticas
Autora: Cibele Schuanck

ESPAÇO VIVENDO IFRS

Participantes avaliam o 2º SAS

Após a realização do 2º Seminário Anual de Servidores do IFRS, os participantes foram convidados a avaliar o evento. Responderam a pesquisa 332 participantes, 52,45% dos 633 presentes no seminário. Inscreveram-se 670 servidores no evento, que teve 22 inscrições canceladas e 15 ausências. Na avaliação, os participantes também puderam registrar suas impressões. Confira os resultados da pesquisa e alguns desses comentários.

Relevância dos temas abordados

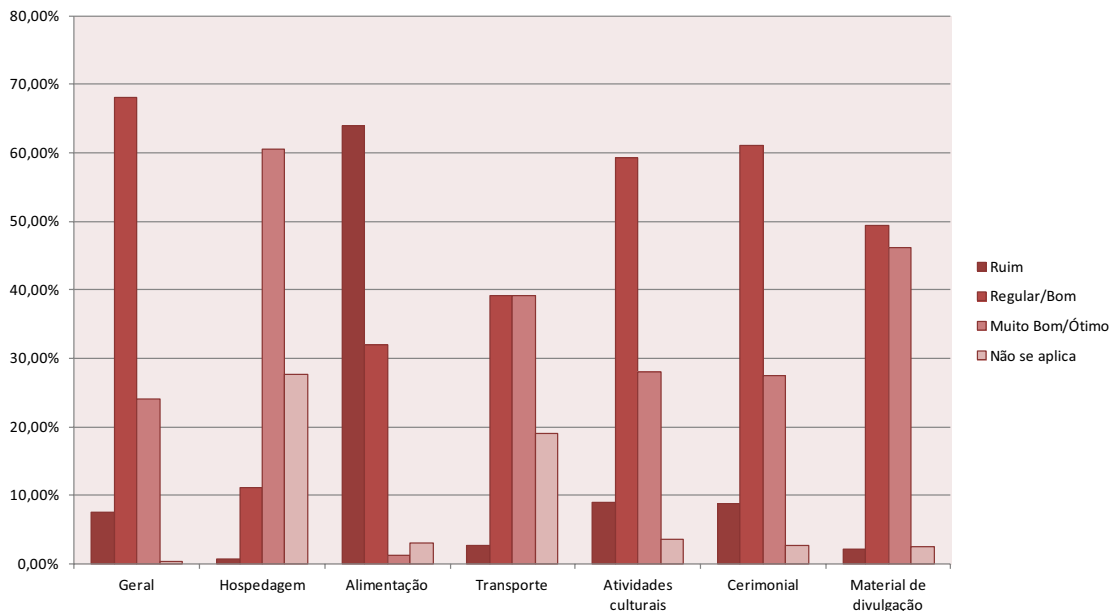


“Acho que seria necessário criar mesas pequenas onde pudesse haver maior participação dos servidores, antes de passar para as mesas redondas com convidados. Seria interessante que esses pequenos grupos pudessem produzir materiais que sintetizassem as discussões, dúvidas, propostas, críticas e temas de destaque entre aqueles funcionários que se reuniram antes, o que poderia condizir as mesas posteriores para debates mais afinados com as questões de interesse do grande grupo.”

“Achei o evento muito bem organizado, penso que os próximos podem prever melhor o espaço cultural para fotografias, apresentações, autógrafos de livros com breves debates com os autores. Parabéns!!!”

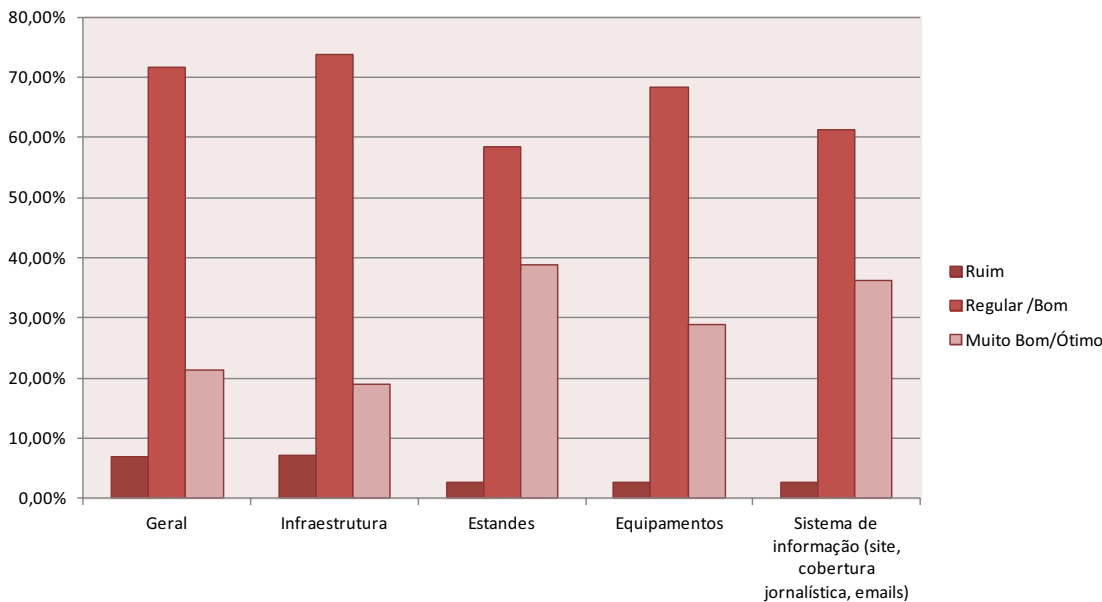
“Gostei muito das mesas temáticas. Penso que esse tipo de atividade deve continuar, é quando realmente estabelecemos diálogo com os nossos pares...”

Organização do evento

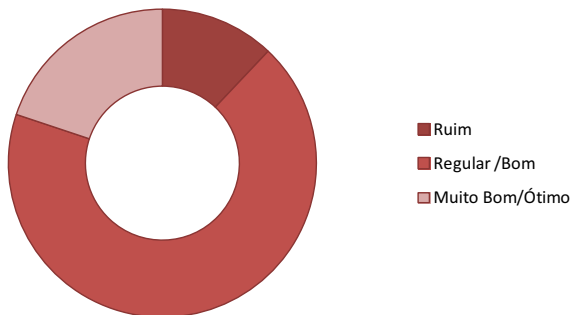


AVALIAÇÃO
 CATEGORIA

Instalações do evento



Avaliação final



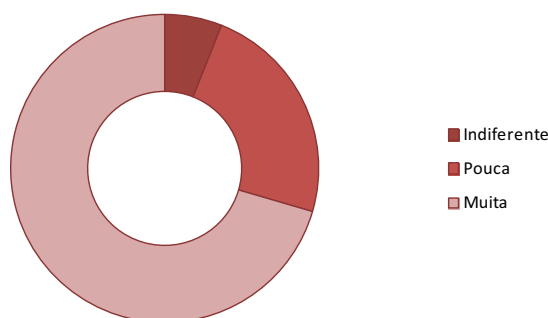
“Gostei muito do SAS! Foi muito significativo para a troca de experiências e ideias entre os sujeitos dos diferentes câmpus.”

“Sugiro que no próximo SAS, os docentes e técnicos administrativos de cada área (meio ambiente, informática, matemática etc) tenham um espaço para se encontrarem e debaterem assuntos pertinentes, podendo ser por mesas redondas. E/ou também, existir alguma maneira de identificação por área, podendo até ser por diferentes cores de crachá. Ou seja, uma forma que agilize o pessoal da mesma área de se encontrarem e trocarem informações.”

“(…) Faço a seguinte sugestão: em 2014, em data padrão, ocorrer um “mini SAS” em cada câmpus, onde seriam discutidos assuntos e enviados para alimentar a realização do SAS como grande encontro geral no ano seguinte. Como vantagem: mantém-se a característica de anual; fomenta o aprofundamento das discussões do SAS com os servidores de cada câmpus (inclusive os que não podem deslocar-se); baixo custo, no ano em que acontece a discussão dentro de cada câmpus; e, ainda, diminuiria o risco de perder-se o amadurecimento e concretização das reflexões feitas devido ao longo período de dois em dois anos....”

“(…) Também é importante encontrar uma forma dos servidores poderem participar das todas as mesas temáticas e enviar os resumos das discussões feitas nas mesas por e-mail ou criar um caderno do evento para registrar o que foi discutido durante o evento. Também as palestras poderiam ser disponibilizadas por e-mail assim aqueles servidores que não foram ao evento poder ter acesso a informação.”

Expectativa inicial



AVALIAÇÃO

“Ser IFRS” foi o tema da primeira edição do SAS

Gabriela Morel¹

Resgatar a história da rede federal, a criação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, proporcionar a integração entre os servidores e debater questões como orçamento, verticalização do ensino e plano de carreira. Foi esse o objetivo do I Seminário Anual dos Servidores do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (I SAS IFRS), realizado no Hotel Dall'Onder, em Bento Gonçalves, nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2012.

Sob o tema «Ser IFRS», o evento buscou incentivar os servidores a pensar o que é fazer parte do IFRS - uma instituição jovem, ainda em formação, mas que carrega a história de unidades de ensino centenárias que a integram.

A abertura do evento foi conduzida pela pró-reitora de Extensão Viviane Ramos.

Ela deu as boas-vindas aos presentes e convidou a todos para assistir o vídeo gravado pela reitora Cláudia Schiedeck de Souza.

A palestra de abertura foi proferida pelo vice-presidente do Conif, reitor do IF Sul de Minas, Sérgio Pedini. Ele falou sobre «O Panorama e os Desafios da Educação Profissional» e parabenizou o IFRS pela iniciativa de integrar seus servidores em um grande encontro.

Durante os dois dias de evento ocorreram debates simultâneos sobre assuntos de interesse dos servidores. Também foram apresentadas exposições orais e pôsteres, de experiências trazidas dos Câmpus.

Esta primeira edição do Seminário reuniu representantes de todos os câmpus. A programação do evento foi elaborada de forma democrática, com base nos assuntos indicados via enquete pelos servidores inscritos.

1 Jornalista do Câmpus Osório



Assuntos indicados via enquete pelos servidores inscritos serviram de base para programação

Calendário de Eventos do IFRS para 2013

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013

SETEMBRO

27 e 28 2ª Mostra de Ciência e Tecnologia

Câmpus Caxias do Sul

30/09 e 01/10 3ª Mostra de Produção Científica e Tecnológica

Câmpus Rio Grande

OUTUBRO

14 a 18 3ª Mostra Científica, Tecnológica e de Inovação e 2ª Mostra de Extensão

Câmpus Sertão

21 a 23 2ª Mostra Técnica

Câmpus Feliz

22 a 24 2ª Semana de Educação, Ciência e Cultura

Câmpus Bento Gonçalves

23 a 25 3º Salão de Iniciação Científica e Tecnológica

Câmpus Canoas

29 a 31 2ª Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (2ª JEPEX)

Câmpus Erechim

30 e 31 3ª Mostra Científica

Câmpus Restinga

30/10 e 01/11 Feira Tecnológica

Câmpus Farroupilha

NOVEMBRO

04 a 06 14ª Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão

Câmpus Porto Alegre

05 e 06 2ª Mostra de Ensino, Pesquisa e Extensão (2º MOPEX)

Câmpus Ibirubá

08 3ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa (3ª MOEXP)

Câmpus Osório

11 a 13 2º Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica do IFRS (2º SICT) e 1º Seminário de Extensão (1º SEMEX)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) e Pró-Reitoria de Extensão (PROEX)

AGENDA

Como colaborar para a revista Viver IFRS

A revista Viver IFRS divulgará ações extensionistas desenvolvidas no IFRS nas seguintes categorias:

- **Projetos de Extensão e Programas de Extensão:** serão divulgados até dois projetos destaques de cada câmpus do IFRS, com breve texto explicativo da ação e imagens. Caberá à Comissão de Gerenciamento de Ações de Extensão (CGAE) do câmpus/Reitoria a seleção de ações para submissão à comissão editorial da revista. A elaboração do texto para publicação, conforme normas abaixo descritas, e disponibilização de imagens no setor de extensão do câmpus será de responsabilidade do coordenação da ação selecionada. A submissão será realizada pelo setor de extensão do câmpus e deverá ocorrer nos prazos previstos em conformidade com o processo de chamada de trabalhos.
- **Relatos de Experiência:** Serão aceitos relatos de ações originárias de projetos e programas de extensão realizados por servidores do IFRS . Somente serão analisados, por comissão editorial e revisor Ad hoc com experiência na área de conhecimento da ação, os relatos de ações recomendadas pela CGAE do câmpus/Reitoria. A submissão será individual e deverá ocorrer nos prazos previstos em conformidade com o processo de chamada de trabalhos.

NORMAS PARA ENVIO DE TEXTOS

Os textos devem ser inéditos e seguir as normas da ABNT, contendo título, autor, cargo e titulação, e-mail e instituição/câmpus. Devem conter no máximo 10 páginas em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entrelinhas 1,5, margens 2,5 cm, incluindo referências e notas, em formato .doc.

Os textos devem ter, no mínimo, três figuras (fotos, quadros, tabelas, gráficos ou ilustrações). As imagens devem ter resolução mínima de 300 dpi, com legenda e crédito do autor, e ter espaço marcado no texto. Devem ser enviadas em formato JPG, separadas do texto, em arquivos anexos identificados conforme sua inserção no texto.

Os textos encaminhados serão avaliados pela Comissão Editorial, que será formada após a publicação do primeiro número.

Para o segundo número da revista, os trabalhos devem ser remetidos ao e-mail viverifrs@ifrs.edu.br no prazo de 12 a 30 de agosto de 2013.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos publicados caberá, exclusivamente, aos autores.

Expediente

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL - IFRS**

Reitora

Claudia Schiedeck Soares de Souza

Pró-Reitora de Extensão

Viviane Silva Ramos

Revista Viver IFRS

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão do IFRS

Rua General Osório, 348 | Bairro Centro

CEP 95700-000 | Bento Gonçalves/RS

(54) 3449-3300

www.ifrs.edu.br

viverifrs@ifrs.edu.br

Editoria

Tânia Aiub

Projeto Gráfico e Diagramação

Andreza Cunha

Capa

Caroline Reimundi

Colaboradores

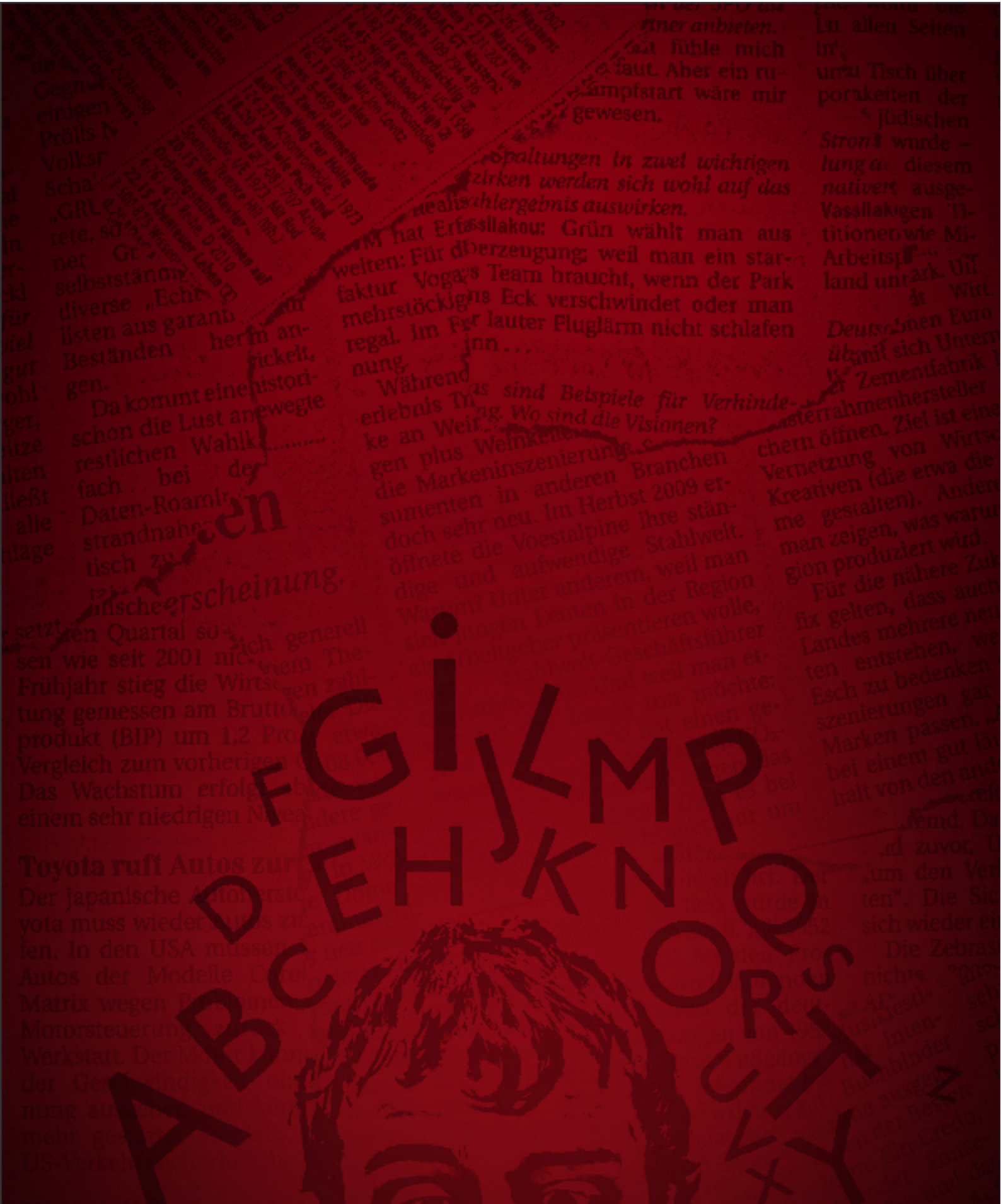
Andreza Cunha

Getúlio Stefanello Júnior

Sílvia Schiedeck

Viver IFRS

Ano 1 | Nº 01 | Agosto 2013



ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO GRANDE DO SUL**